



# miguilim

revista eletrônica do netlli

volume 11, número 2, maio-ago. 2022

## A COMPOSIÇÃO MACROTEXTUAL DA EXORTAÇÃO APOSTÓLICA PÓS-SINODAL *CHRISTUS VIVIT*: ANALISANDO O PLANO DE TEXTO



## THE MACROTEXTUAL COMPOSITION OF THE POST- SYNODAL APOSTOLIC EXHORTATION *CHRISTUS VIVIT*: ANALYSING THE PLAN OF THE TEXT

José Rubens PEREIRA  
Universidade Federal do Rio Grande do Norte, Brasil

Maria Eliete de QUEIROZ  
Universidade do Estado do Rio Grande do Norte, Brasil

RESUMO | INDEXAÇÃO | TEXTO | REFERÊNCIAS | CITAR ESTE ARTIGO | OS AUTORES  
RECEBIDO EM 28/01/2022 • APROVADO EM 28/06/2022  
DOI: [10.47295/mgren.v11i2.350](https://doi.org/10.47295/mgren.v11i2.350)

---

### Resumo

---

Neste trabalho, filiado à Análise Textual dos Discursos, postulada por Adam (2011), estudamos o plano de texto da exortação apostólica pós-sinodal *Christus Vivit*, objetivando: (1) descrever os elementos linguístico-textuais que constituem a sua estrutura macrotextual; e (2) analisar os elementos linguístico-textuais que montam seu plano de texto, tendo em vista as funções que desempenham na organização do todo textual. Esta é uma pesquisa documental, baseada em uma abordagem qualitativa, de caráter descritivo. A reconstituição macrotextual, a partir da aplicação da noção de plano de texto da ATD, nos possibilitou demonstrar o modelo estrutural em que se inscreve a redação do texto

analisado e a organização discursiva que executa as intencionalidades do enunciador. As análises e a abordagem do plano de texto enquanto projeto discursivo contribuirão tanto para os estudos sobre o discurso religioso, realizados pela ótica da ATD, quanto para um entendimento mais claro das singularidades inerentes aos textos publicados pela Igreja Católica Apostólica Romana, especialmente no que se refere ao gênero exortação apostólica pós-sinodal, posto que as tipicidades de seu plano de texto são pouco conhecidas.

---

## Abstract

---

In this work, based on the Textual Analysis of Discourses, proposed by Adam (2011), we study the plan of the text of the post-synodal apostolic exhortation *Christus Vivit*, aiming to: (1) describe the linguistic-textual elements that mold its macrotextual structure; and (2) analyze the linguistic-textual elements that make up your plan of the text, having in mind the functions they execute in the organization of the text as a whole. This is a documental research, based on a qualitative approach, with a descriptive method. The macrotextual reconstitution, as of the application of the ATD's notion of plan of the text, allowed us to demonstrate the structural model of the analyzed text and the discursive organization that executes the enunciator's intentions. The analysis and the approach of the plan of the text as a discursive project will contribute both to the studies on religious discourse, carried out from the perspective of the ATD, as well as to a clearer understanding of the singularities inherent to the texts published by the Roman Catholic Church, especially when it comes to the genre post-synodal apostolic exhortation, since the aspects of its plan of the text are not well-known.

---

## Entradas para indexação

---

**Palavras-chave:** Exortação apostólica pós-sinodal *Christus Vivit*. Plano de texto. Projeto discursivo.

**Keywords:** Post-synodal apostolic exhortation *Christus Vivit*. Plan of the text. Discursive project.

---

## Texto integral

---

### Introdução

Para a Análise Textual dos Discursos (doravante ATD), conforme Adam (2011), texto é um todo formado por um conjunto de enunciados interligados e, em seu interior, encontram-se subconjuntos de unidades menores, que, ligadas entre si, estruturam sequências textuais e montam um plano de texto. Compreender um texto em sua plenitude, portanto, é uma atividade que exige considerar as suas partes em função de um todo, observando os mínimos e amplos conjuntos de unidades textuais que o integra, a partir da mobilização de uma série de conhecimentos linguístico-textuais.

Assentados nesses pressupostos da ATD, estudamos a exortação apostólica pós-sinodal *Christus Vivit*<sup>1</sup>, através de uma abordagem descritiva dos elementos linguístico-textuais que configuram sua estrutura macrotextual. Em outras palavras,

---

<sup>1</sup> Essa exortação foi publicada após a reunião do Sínodo de 2018, na qual Francisco reflete sobre a relação entre fé, discernimento e juventude. O documento oficial da exortação *Christus Vivit* encontra-se disponível no site do Vaticano, em formato .pdf, traduzido para 10 línguas, e, em português, esse texto tem um total de 74 páginas. Além da versão digital, também é possível adquirir a versão impressa organizada pela Editoria Paulus (176 páginas).

com base em uma descrição detalhada desse documento, analisamos as funções desempenhadas pelos elementos linguístico-textuais que moldam seu plano de texto, à vista de um entendimento mais aprofundado das singularidades inerentes ao discurso religioso católico apostólico romano ou atinentes às práticas discursivas que se dão nessa esfera.

Esta pesquisa surgiu do nosso interesse em problematizar o poder (ideológico ou pragmático) que a igreja católica apostólica romana detém, e que reflete nas práticas sociais. Como em qualquer grupo ou esfera social humana, a linguagem é utilizada enquanto ferramenta ativa pela qual se propaga crenças, valores e ideologias. Na igreja católica apostólica romana, o Papa, que ocupa o cargo de maior prestígio e posição hierárquica dentro dessa religião, produz textos oficiais que atuam como documentos dogmáticos da fé cristã, disseminados entre todas as instituições dessa vertente católica espalhadas pelo mundo, sendo uma de suas funções guiar moral e espiritualmente os fiéis.

Optamos pelo gênero exortação apostólica pós-sinodal e, mais precisamente, pela *Christus Vivit*, por duas razões: esse gênero é resultado de um evento único para a igreja católica apostólica romana, o Sínodo. Realizado durante um período de, mais ou menos, três anos, o Sínodo termina em uma reunião geral, onde se encontram bispos do mundo inteiro para debaterem sobre um assunto de importância para a igreja; ademais, a nossa preferência pela exortação *Christus Vivit* se explica por considerarmos relevante, de um ponto de vista social e temporal, a discussão de Papa Francisco no tocante a juventude moderna e sua forte ligação com as tecnologias digitais.

Como premissa deste trabalho investigativo acerca da composição macrotextual da exortação *Christus Vivit*, nos baseamos nas questões que seguem: Quais componentes linguístico-textuais figuram o plano de texto dessa exortação? Como estão dispostos esses componentes e que função desempenham na mobilização do fenômeno discursivo do texto? Em virtude disso, para respondermos a esses questionamentos, elaboramos os seguintes objetivos: (1) descrever os elementos linguístico-textuais que constituem a estrutura macrotextual da exortação apostólica pós-sinodal *Christus Vivit*; e (2) analisar os elementos linguístico-textuais que montam seu plano de texto, tendo em vista as funções que desempenham na organização do todo textual.

Esta é uma pesquisa documental que, conforme Gil (2002), faz uso de textos ricos em informação, o que Calado e Ferreira (2005) classificam de fontes de dados brutos. Para análise da exortação, baseamo-nos em uma abordagem qualitativa que, de acordo com Minayo (2013, p. 70), “[...] trabalha [sobretudo] com o universo de significados, motivos, aspirações, crenças, valores [...]”. A pesquisa qualitativa tem como aspectos principais a sua natureza emergente e dinâmica, em vez de procedimentos pré-configurados e engessados (CRESWELL, 2007). Além disso, este trabalho é de caráter descritivo, na medida em que detalhamos os aspectos constituintes do plano de texto da exortação selecionada e interpretamos as funções que desempenham no todo textual.

No que se refere aos procedimentos de análise, elaboramos quatro modos de apresentação do plano de texto da exortação *Christus Vivit*, pensando em um curso gradual de interpretação dos seus elementos mais gerais, que dizem respeito à estrutura macrotextual, e em direção aos mais específicos, relativo ao aspecto discursivo.

Antes da análise dos modos de apresentação do plano de texto desse documento, demonstramos, através de *prints* capturados do arquivo oficial, quais os

elementos genéricos que compõem uma exortação apostólica pós-sinodal, a saber: os peritextos final e inicial (brasão do Vaticano, cabeçalho e sumário, e datação, assinatura e notas, respectivamente), e os blocos de texto divididos em capítulos e tópicos temáticos, organizados em parágrafos enumerados.

Já sobre o plano de texto, no primeiro modo (plano de texto 1 – PdeT-1), resumimos os segmentos que configuram a estrutura macrotextual do *corpus* escolhido; no segundo modo (plano de texto 2 – PdeT-2), demonstramos como estão compostos cada segmento do PdeT-1; no terceiro modo (plano de texto 3 – PdeT-3), sintetizamos o conteúdo referencial dos capítulos da exortação; e, por fim, no quarto modo (plano de texto 4 – PdeT-4), apresentamos o método do discernimento do Papa Francisco que, dividido em 3 etapas – reconhecer, interpretar e escolher –, desenha o projeto discursivo dessa exortação.

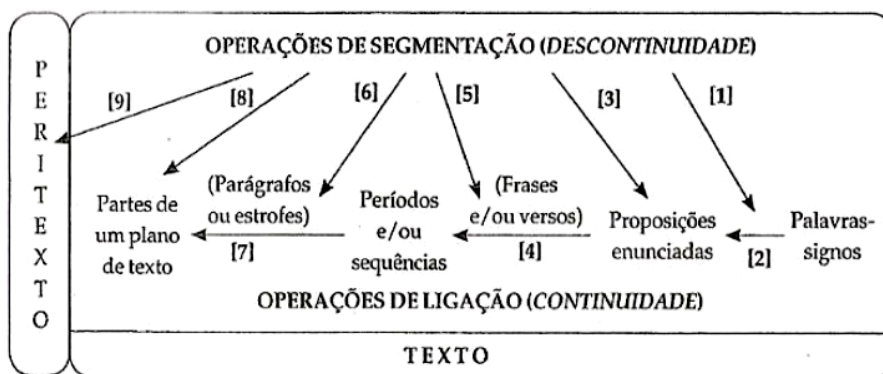
Este artigo se encontra dividido em 5 seções, incluindo a introdução e a conclusão. Inicialmente, contextualizamos nosso panorama de investigação, detalhando as questões e os objetivos norteadores. Em seguida, com base em Adam (2011), discutimos sobre a noção de plano de texto (item 1). No item de número 2, apresentamos e caracterizamos o gênero exortação apostólica. No item 3, dedicamo-nos à execução das análises de reconstrução do plano de texto da exortação apostólica pós-sinodal *Christus Vivit*. E, para finalizar, reunimos os resultados e as conclusões sobre os propósitos dessa pesquisa.

## 1 A noção de plano de texto da análise textual dos discursos

Produzir um texto é uma atividade que demanda planejamento, nesse processo, o autor elabora um plano, de modo que seus objetivos sejam alcançados. De acordo com Adam (2011, p. 257), "os planos de texto desempenham papel fundamental na composição macrotextual do sentido", haja vista que, além de ser o responsável pela organização global dos sentidos de um texto, ele funciona como um mecanismo de ordenação de ideias e argumentos. Logo, produzir ou interpretar um texto é uma tarefa de construção e reconstrução da estrutura de um todo (ADAM, 2011), tido como um conjunto de enunciados interligados, no qual, em seu interior, estão formados subconjuntos de unidades menores, através das quais se é reconhecido as sequências textuais que são estruturadas a partir dessas conexões e o plano macrotextual que as organiza, condicionado por um certo gênero.

Adam (2011, p. 283, grifos do autor) ratifica que "compreender um texto é ser capaz de **passar da sequência** (ler-compreender os enunciados como vindo um após o outro) **à figura** (configuração inteligível das relações [...]). Evolver-se em uma atividade comunicacional é colocar-se na condição de produtor ou interpretante das partes de um todo textual, mobilizando uma série de conhecimentos linguísticos e textuais, considerando os mínimos e amplos conjuntos de unidades textuais que o integra.

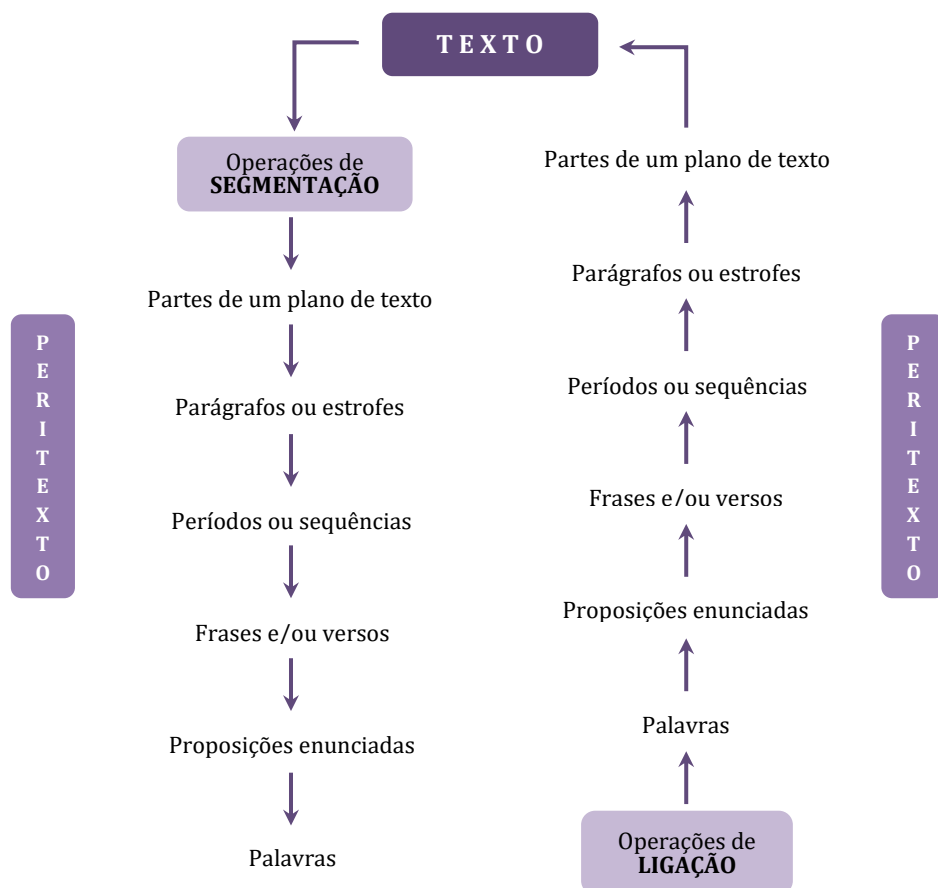
O fundamento textual postulado por Adam (2011), em que partes de um todo se mostram intransponíveis na percepção do sentido global, se encontra desenhado no esquema abaixo, que, segundo o autor, "[...] detalha o conjunto das operações de textualização que estarão no centro da presente obra" (ADAM, 2011, p. 64). Na figura esquemática abaixo, vemos as unidades textuais fundamentais sujeitas a dois tipos de operações (segmentação e ligação), as quais sintetizam o cerne do quadro teórico da ATD.



**Esquema 1** – Conjunto das operações de textualização  
**Fonte:** Adam (2011, p. 64).

Por um lado, temos as operações de segmentação e, por outro, as operações de ligação. As operações de segmentação dividem o texto em unidades mínimas, as quais sofrem uma ação direta das operações de ligação, as integrando a outras unidades, assim, formando conjuntos de unidades textuais mais complexas que, em última instância, são as sequências e os planos de texto.

A fim de clarificar os dizeres do autor, elaboramos o esquema que segue.



**Esquema 2** – Operações de segmentação e ligação  
**Fonte:** Elaboração própria a partir de Adam (2011).

O esquema acima demonstra como se processam os operadores de segmentação e de ligação admitidos por Adam (2011). O primeiro (segmentação) realiza um movimento descendente, indo do todo textual às partes e unidades

menores; e o segundo (ligação) percorre um movimento ascendente, das unidades ao todo textual. Os operadores de segmentação subdividem o texto em partes unitárias, observadas na escrita como sendo (1) partes de um plano de texto, (2) parágrafos ou estrofes, (3) períodos ou sequências, (4) frases e ou/versos, (5) proposições enunciadas e (6) palavras, e na oralidade entendidas como pausa, entonação ou movimentação dos olhos e da cabeça. Em contrapartida, os operadores de ligação fazem o oposto, conectam, por exemplo, palavras e palavras para formarem proposições; ou unem proposições e proposições para constituírem frases; ou ligam frases e frases e para gerarem os períodos e/ou sequências, e assim sucessivamente, até a elaboração de um plano de texto.

Queiroz (2013, p. 31) afirma que “o plano de texto [...] está relacionado à textura, à configuração, à segmentação de proposições e de enunciados que formam os períodos, [...] formado pelas sequências de base que encadeiam a unidade semântica do texto”. O plano de texto atua conjuntamente aos gêneros textuais, responsáveis pelo encadeamento dos segmentos linguísticos de base (palavras, proposições enunciadas, frases e períodos) e dos conjuntos de sequências de proposições-enunciado que dão forma a estrutura composicional do texto.

Os gêneros textuais condicionam o aparecimento de planos de texto fixos ou ocasionais (ADAM, 2011; 2017). Aliás, são os próprios contextos de enunciação que ditam a utilização de um gênero específico que, conseqüentemente, certifica a formatação de um plano de texto mais ou menos flexível. O contexto compromete a execução bem-sucedida dos objetivos que predizem o texto, haja vista que a sua usabilidade e efetivação dependem das singularidades dos contextos. A título de exemplificação, o contexto rígido de um julgamento exige gêneros do discurso jurídico que denotam uma formatação fixa e formal, diferentemente de uma situação dialogal e espontânea do dia a dia.

Os gêneros que apontam a presença de um plano mais fixo, preveem a improbabilidade de alteração da sua forma por parte do usuário. É o caso da estrutura de gêneros do campo jurídico, como citado anteriormente, ou de alguns gêneros da esfera literária, como um soneto. Sobre aos planos ocasionais, Adam (2017) salienta que, de fato, são mais frequentes, mas tão importantes quanto os planos fixos, pois “[...] não estruturam menos globalmente os textos” (ADAM, 2017, p. 59). Em sua concepção, os planos ocasionais “[...] são mais ou menos identificáveis por serem ou não evidenciados por sinais de segmentação [...] e/ou por organizadores [...]” (ADAM, 2017, p. 59), por isso que a sua estrutura está sujeita às intenções do indivíduo, que se vale de sua organização e ao contexto que o condiciona.

A organização de assuntos e seus argumentos em um plano de texto reflete os propósitos daquele que o constrói (MARQUESI; ELIAS; CABRAL, 2018). Se considerarmos a composição semântica de um discurso enquanto uma ou mais teses que o autor pretende defendê-las e, por essa razão, distribui pistas para o leitor no interior de uma materialidade textual, o plano de texto funciona como um operador organizacional discursivo das propostas que fundam o texto.

Fonseca (2020, p. 77) se refere ao plano de texto como um “[...] agente desencadeador de uma rede de relações argumentativas”. Na sua visão, o plano de texto também apresenta uma função discursiva, pois é ele “[...] que condensa e irradia informações” (FONSECA, 2020, p. 77). Além de um plano de texto encadear as unidades textuais e formar a estrutura composicional de um discurso, a sua organização, por si só, significa a própria finalidade geral de um texto. Assim, o plano de texto não é apenas a organização do texto em partes de um plano, parágrafos,

seqüências, frases e/ou palavras, do mesmo modo, ele veicula uma lógica discursiva e as suas unidades se estruturam para formar a objetividade de um texto, que visa o cumprimento de intenções do locutor.

Nessa perspectiva, defendemos que o plano de texto é um tipo de projeto discursivo. Um sujeito locutor, em uma formação sociodiscursiva, almeja alcançar o outro (interlocutor) através do seu discurso e, para isso, organiza o texto em partes explícitas ou não, que constroem um plano, as quais desempenham uma posição indispensável para o seu propósito final.

O gênero artigo científico, que é um texto produzido dentro da esfera acadêmica, pelo qual um sujeito busca defender uma ou mais teses por intermédio de argumentos fundamentados em uma dada posição teórica, por exemplo, é conhecido por essa esfera como aquele que precisa ser estruturado em divisões mais gerais, a saber: resumo, abstract, introdução, desenvolvimento, conclusão e referências. A união desses elementos figura o plano de texto do gênero. Se considerarmos esse texto sem os limites impostos pelo gênero textual que o condiciona, ou seja, sem os seus componentes prototípicos mencionados, ainda assim, teremos a organização de um plano de texto, visto que a escolha do autor de justapor um argumento no início, no meio ou no fim do texto, anuncia a sua intenção de concretizar certas finalidades.

O plano de texto não é meramente as partes estruturantes de um todo, mas o próprio todo organizado em um *continuum* argumentativo em função das intenções de quem o produz. O plano de texto, portanto, se constitui enquanto “[...] unidades textuais verbais e não-verbais explícitas hierarquicamente dispostas ou unidades textuais implícitas que se inter-relacionarão argumentativamente entre si” (PINTO, 2010, p. 206 *apud* FONSECA, 2020, p. 79).

## 2 A exortação apostólica pós-sinodal *Christus Vivit*

A exortação apostólica pós-sinodal é um documento pontifício (dentre muitos outros) escrito pelo líder máximo dos poderes da igreja católica, sujeito a um contexto específico de produção. A sua elaboração sucede a assembleia da igreja católica apostólica romana denominada de Sínodo dos bispos<sup>2</sup>. Nas palavras de Francisco (2018, p. 1), “[...] o Sínodo dos Bispos é chamado, como qualquer outra instituição eclesial, a tornar-se progressivamente ‘um canal proporcionado mais à evangelização do mundo atual que à auto-preservação’”, portanto, desse encontro ministerial urge o dever da evangelização em detrimento da autopreservação da igreja, relativa ao avanço da sociedade (FRANCISCO, 2018). No entanto, ressaltamos a não obrigatoriedade do lançamento de uma exortação após a assembleia sinodal, cabe ao Papa decidir sobre a sua produção, uma vez que um Documento Final pós-sínodo sempre é produzido, independentemente da publicação de uma possível exortação.

Concernente ao gênero exortação apostólica pós-sinodal, Araújo (2017, p. 18) compreende que:

---

<sup>2</sup> “O Sínodo dos Bispos é uma assembleia de bispos os quais, escolhidos das diversas regiões do mundo, se reúnem em tempos determinados para favorecer a estreita união entre o Romano Pontífice e os mesmos bispos e para prestar ajuda com seu conselho ao Pontífice Romano na salvaguarda e incremento da fé e dos costumes, na observância e na consolidação da disciplina eclesiástica e também para estudar os problemas relativos à atividade da Igreja no mundo” (PERGUNTAS frequentes sobre o Sínodo dos Bispos, 2018. Disponível em: <http://www.synod.va/content/synod2018/pt/perguntas-frequentes.html>. Acesso em: 28 fev. 2021.

Na tradição da Igreja Católica, uma exortação apostólica é um documento do Papa destinado a orientar os fiéis sobre pontos da doutrina. Os temas das exortações apostólicas são escolhidos por uma necessidade de focar questões que circulam na sociedade e requerem uma posição da Igreja a seu respeito ou, ainda, que a Igreja sente uma necessidade de se contrapor aos discursos que circulam na sociedade sobre os quais ela defende ou rechaça. É pós-sinodal porque reúne as contribuições de bispos do mundo inteiro reunidos em assembleia, em Roma, a partir de uma pauta definida pelo Papa.

Partindo do entendimento de que o discurso religioso tem um caráter pragmático (MELO, 2017), que busca adesão do outro e efetivação de suas intencionalidades, uma exortação apostólica pós-sinodal surge da necessidade de a igreja propagar o seu ponto de vista acerca de discursos preponderantes em um dado momento histórico-social. Isso ocorre de modo sugestivo, com o intuito de conduzir os seus fiéis ao caminho proposto na palavra divina, materializada nos textos bíblicos e interpretados pelos bispos reunidos no Sínodo. Por esse motivo que o Sínodo dos bispos recebe uma temática definida pelo Papa que deverá ser pensada e discutida entre os escolhidos para a reunião.

É inegável que, por fazer parte de um discurso constituinte<sup>3</sup> (MAINGUENEAU, 2000), a exortação apostólica pós-sinodal e uma série de outros gêneros formam a lista de documentos pontifícios produzidos pelo Papa, organizados hierarquicamente conforme a sua força de efetuação universal. A título de exemplo, de acordo com Aquino (2018)<sup>4</sup>, a Bula está em um patamar mais elevado do que a Encíclica. Apesar disso, cada texto papal tem a sua importância e função, sendo obrigação do fiel católico respeitá-lo e segui-lo. No que se refere ao sujeito que a escreveu, com nome de batismo Jorge Mário Bergoglio, quando da votação e escolha para sentar-se na cadeira de Pedro e assumir o cargo mais alto da esfera católica, aos 76 anos, no dia 13 de março de 2013, decidiu chamar-se Francisco.

O nome Francisco, assumido socialmente na condição de Papa, revela muito de si, bem como os lugares socioideológicos representados em sua assunção papal. Vian (2018) reforça a significação de sua preferência pelo nome Francisco e versa que ele inova em vários aspectos análogos. A começar pelo nome, ele é o primeiro Papa da história a colocar o pseudônimo Francisco à frente de sua jornada papal. De grande importância, o nome de um Papa, normalmente, retrata a sua postura perante à igreja. E o nome Francisco reverencia o frade italiano Giovanni di Pietro di Bernardone, mais conhecido como São Francisco de Assis. A história de vida de Francisco de Assis é conhecida por sua abnegação material e entrega à caridade. Inspirado nos atos de Cristo, ele dedicou-se aos pobres e pregou uma fé pragmática, interpretando os valores religiosos pregados por Jesus à luz de uma prática social, em vez de uma filosofia teológica infrutífera e estagnada à reflexão intelectual. É

---

<sup>3</sup> Maingueneau (2000, p. 6) argumenta que o discurso religioso tem um caráter “auto” e “heteroconstituente”, ou seja, ele é, ao mesmo tempo, regulador de sua própria fundação, singularidades e regras, e parâmetro para criação de outros discursos. Maingueneau (2000) intitula esse aspecto fundante de *archéion*, palavra grega formada pelo elemento “*arqué*” que significa fonte, origem. E, para o discurso religioso, a bíblia ocupa o papel de *archéion*.

<sup>4</sup> Texto online e sem paginação. Pode ser acessado no site da Editora Cléofas. Disponível em: <https://cleofas.com.br/quais-os-documentos-que-o-papa-usa-e-qual-a-diferenca-entre-eles/>. Acesso em: 2 fev. 2021.



perante esse legado que Bergoglio decide autonomar-se Francisco, refletindo a visão que demonstra ter do evangelho cristão, percebida em sua trajetória como arcebispo de Buenos Aires.

Fora o fato de ser o primeiro jesuíta da história do catolicismo a se tornar Papa, Francisco é a personificação de uma outra parte da igreja, tanto geograficamente, quanto ideologicamente. De um lado, ele vem de um país sem tradição nas seleções papais e fora das demarcações territoriais da Europa: descende de um continente que nunca antes havia tido um Bispo de suas terras na posse do papado e vivia em um hemisfério categorizado como subdesenvolvido (VIAN, 2018, p. 8). Por outro lado, representa a igreja que simpatiza com um pensamento progressista, envolvido em questões sócio-políticas.

Sua afeição pelos movimentos sociais em defesa dos pobres é resultado do pensamento teológico que adota, em referência à filosofia de vida de São Francisco de Assis e em consonância com a perspectiva teológica surgida na década de 60, intitulada de Teologia da Libertação<sup>5</sup>. Os valores defendidos pelo santo frade, e parte desse movimento sócio-ecclesial, se concretizam na metodologia utilizada pelo Papa na produção da Eaps-CV, denominada de Discernimento Evangélico. Esse método, alcunhado pelo próprio Papa, remete ao método criado pelo Cardeal Joseph Léon Cardijn, oficialmente mencionado, pela primeira vez, em 1961, na Carta encíclica *Mater et Magistra* de João XXIII.

Longe de uma simplificação abstrata e vazia da complexidade que carrega o método de Cardijn, o conceituamos como a promulgação de três processos básicos para interpretação sintomática e operacional preventiva de problemáticas presentes em momentos sócio-histórico definidos, que são: ver, julgar e agir. Em contrapartida, o Papa Francisco renomeia essas etapas e aplica os termos reconhecer, interpretar e escolher.

Trazemos abaixo uma definição teórica das etapas correspondentes aos métodos citados (Cardijn e discernimento), com base nos textos de Castelhana (2017) e no *Instrumentum Laboris* do Sínodo dos bispos de 2018 sobre os jovens.

	MÉTODO CARDIJN		MÉTODO DISCERNIMENTO
VER	“Indica o abrir os olhos e perceber os objectos e as realidades que estão à nossa frente, vendo a realidade como ela é, tornando-nos sujeitos desse objecto. [...] [ou seja] Ver em profundidade as realidades que nos rodeiam com um olhar profundo e amplo como Jesus via, com um olhar que penetra, mas que não fere” (CASTELHANO, 2017, p. 37-38)	RECONHECER	“A primeira passagem é aquela do olhar à escuta. Requer prestar atenção à realidade. [...] Nesta primeira passagem a atenção focaliza-se a colher os traços característicos da realidade [...]” (SÍNODO DOS BISPOS, 2018, p. 7)

<sup>5</sup> A Teologia da Libertação (TdL) foi um movimento religioso que ganhou destaque, sobretudo, na igreja católica. A TdL se refere a uma perspectiva teológica que engloba duas vertentes imprescindíveis à sua concepção: *uma teologia da libertação*, que acentua a ideia de uma libertação dos povos sujeitos às dominações sócio-política, ideológica, econômica, cultural etc., realizada por diferentes vieses; e *uma libertação da teologia*, que trata de “[...] libertar a teologia do que teve e tem de ‘justificação da dominação’ e colocá-la a serviço da libertação” (AQUINO JÚNIOR, 2010, p. 41, grifos do autor). Desse modo, consoante Aquino Júnior (2010, p. 41, grifos do autor), compete a TdL “[...] tanto [uma] ‘práxis teologal’ quanto [uma] ‘teoria teológica’; tanto o aspecto de ação transformadora que compete à Igreja, quanto sua intelecção mais aprofundada e elaborada. [A TdL] designa, numa palavra, a Igreja libertadora. Seja considerada mais no que tem de ação transformadora, seja considerada mais no que tem de elaboração teórica, seja considerada em sua totalidade”.

<b>JULGAR</b>	“[...] é o acto pelo qual se avalia algo, é um juízo sobre uma qualidade que se atribui a alguém e que o qualifica. Em concreto, podemos dizer que o julgar vem depois do ver porque o clarifica, expressando o que se vê” (CASTELHANO, 2017, p. 38)	<b>INTERPRETAR</b>	“O segundo passo é um retorno sobre o que foi reconhecido recorrendo a critérios de interpretação e avaliação a partir de um olhar de fé” (SÍNODO DOS BISPOS, 2018, p. 8)
<b>AGIR</b>	“[...] este passo apresenta-se como uma conclusão lógica dos primeiros passos. Nele a análise da realidade operada no passo anterior, o Ver, em conjunto com o discernimento operado no passo do Julgar, feito a partir da reflexão teológica e bíblica, são orientados para a prática, [...] tendo como grande fim a transformação da realidade” (CASTELHANO, 2017, p. 38)	<b>ESCOLHER</b>	“Trata-se, portanto, de uma avaliação operativa e uma verificação crítica [...]. Esta passagem poderá identificar onde é necessária uma intervenção de reforma, uma mudança das práticas eclesiais e pastorais para retirá-las do risco de cristalizar-se” (SÍNODO DOS BISPOS, 2018, p. 8)

**Quadro 1** – Os métodos Cardijn e discernimento em contraste

**Fonte:** Elaboração própria baseada em Castelhana (2017) e no *Instrumentum Laboris* do Sínodo dos bispos de 2018.

É visível a simetria ideológica entre os métodos Cardijn e discernimento. O primeiro centraliza uma percepção da realidade e, a partir de avaliações clarificadas pelas análises prévias dos sujeitos e do contexto onde se inserem, intervém em função de uma transformação desses sujeitos e de sua realidade. O segundo, se firma, epistemologicamente, em um campo discursivo um tanto quanto diferente: reconhece os traços peculiares de uma sociedade, interpreta-os aos olhos da fé e opera uma tática de verificação, avaliação e possível renovação dos instrumentos e práticas pastorais, em procura, tal qual o método Cardijn, de uma reforma da realidade, e mais, de uma dinamicidade dos dogmas católicos, sem perder de vista seus valores religiosos.

Com efeito, a exortação apostólica pós-sinodal *Christus Vivit* (a partir de agora faremos uso da abreviação Eaps-CV) foi formulada sobre os pilares do discernimento, pelo qual Francisco “[...] presta atenção à realidade dos jovens de hoje, na diversidade de condições e contextos nos quais vivem” (SÍNODO DOS BISPOS, 2018, p. 7), procurando entendê-la e interpretá-la aos olhos da fé para, finalmente, justificar a proposição de uma investida eclesial mais aberta e acolhedora do comportamento sonhador, audacioso e inovador do jovem moderno (FRANCISCO, 2019).

No tópico seguinte, descrevemos e analisamos os elementos constituintes do plano de texto da Eaps-CV.

### 3 A macroestrutura textual da exortação *Christus Vivit*

Compreender um texto em sua plenitude é ser capaz de ultrapassar os limites das sequências e captar a figura, ou seja, não basta entendermos os significados que emanam de suas partes, mas, sobretudo, temos que interpretá-las como uma cadeia de ligações semânticas que moldam um todo textual (ADAM, 2011). Esse todo textual, na ATD, é concebido como plano de texto. As partes de um plano de texto atuam em função de sua integridade, através de operações que, simultaneamente, segmentam e ligam as unidades que formam a sua estrutura composicional.

Em direção a uma organização macrotextual do sentido da Eaps-CV, neste tópico, apresentamos 4 planos de textos distintos: partimos de uma visão ampla, de cunho demonstrativo dos componentes textuais da Eaps-CV e chegamos em um plano específico, pelo qual abordamos os discursos que fomentam a concepção de Papa Francisco sobre a temática juventude, nos valendo do discernimento, método que rege o seu papel de chefe da religião católica.

Agora, vejamos como está organizada a Eaps-CV, representada nas figuras 1 e 2 a seguir. Na primeira, exibimos os seus componentes iniciais, (brasão do Vaticano, cabeçalho, sumário e introdução) e, na segunda, os últimos elementos que formam o seu plano de texto (desenvolvimento, conclusão, datação, assinatura e notas).



**Figura 1** – Páginas 1 e 3 recortadas da Eaps-CV  
**Fonte:** Francisco (2019).

Na figura acima, observamos, inicialmente, no topo da página à esquerda, a marca do Vaticano em forma de brasão. Logo abaixo, temos o cabeçalho, em que estão dispostas as informações inerentes ao gênero que condiciona o documento escrito, o tema tratado, o remetente e o destinatário. Posteriormente, destaca-se o índice (que aqui denominamos de sumário), no qual estão listados os capítulos e subtópicos desenvolvidos no texto. E, por fim, no lado direito, uma introdução ao conteúdo abordado na exortação, na qual Francisco explica de onde surgiu sua inspiração para redigir esse documento e para quem objetiva destiná-lo.

Capítulo I e seu respectivo título

Tópico temático

Parágrafos enumerados

santidade e no compromisso em prol da própria vocação. Mas, dado que é um marco miliano dentro dum caminho sinodal, dirijo-me simultaneamente a todo o Povo de Deus, aos pastores e aos fiéis, porque a reflexão sobre os jovens e para os jovens nos interpela e estimula a todos nós. Por isso, alguns parágrafos falarei diretamente aos jovens, enquanto outros oferecerei abordagens mais gerais para o discernimento eclesial.

4. Deixei-me inspirar pela riqueza das reflexões e diálogos do Sínodo do ano passado. Aqui não poderei recolher todas as contribuições – poderei lê-las no Documento Final –, mas procurei assumir, na redação desta carta, as propostas que me pareceram mais significativas. Assim, a minha palavra será enriquecida por milhares de vozes de crentes de todo o mundo, que fizeram chegar ao Sínodo as suas opiniões. Mesmo os jovens não crentes, que quiseram participar com as suas reflexões, propuseram questões que fizeram nascer em mim novos interrogativos.

**Capítulo I**

**QUE DIZ A PALAVRA DE DEUS SOBRE OS JOVENS?**

5. Vamos respirar alguns tesouros da Sagrada Escritura, onde várias vezes se fala de jovens e do modo como o Senhor vai ao seu encontro.

**No Antigo Testamento**

6. Numa época em que os jovens contavam pouco, alguns textos mostram que Deus vê com olhos diferentes. Por exemplo, vemos José que era quase o mais novo da família (cf. Gn 37, 2-3) e, todavia, Deus comunicou-lhe em sonho coisas grandes e superou todos os seus irmãos em cargos importantes quando tinha cerca de vinte anos (cf. Gn 37 - 47).

7. Em Cedeão, reconhecemos a sinceridade dos jovens, que não costumam dulcorar a realidade. Quando lhe foi dito que o Senhor estava com ele, retorquiu: «Se o Senhor está conosco, então porque é que nos aconteceu tudo isto?» (Jz 6, 13). Mas Deus não se aborreceu com esta censura e redobrou a aposta nele: «Vai com toda a tua força, e salva Israel» (Jz 6, 14).

8. Samuel era um adolescente inseguro, mas o Senhor comunicava com ele. Graças ao conselho dum adulto, abriu o seu coração para escutar a chamada de Deus: «Fala, Senhor, o teu servo escuta» (1 Sm 3, 8-10). Por isso, foi um grande profeta que interveio em momentos importantes da sua pátria. O rei Saul também era um jovem, quando o Senhor o chamou para cumprir a sua missão (cf. 1 Sm 9, 2).

9. Quando o rei David foi escolhido, era ainda rapaz. O profeta Samuel andava à procura do futuro rei de Israel, e um homem apresentou-lhe, como candidatos, os seus filhos mais velhos e mais experientes. Mas o profeta disse que o escolhido era David, o rapaz que cuidava das

ressuscitou (cf. Lc 24, 34).

297. Uma vez que «o tempo é superior ao espaço» [162] devemos suscitar e acompanhar processos, não impor percursos. Trata-se de processos de pessoas, que sempre são únicas e livres. Por isso é difícil elaborar receituários, mesmo quando todos os sinais forem positivos, porque «tem-se de submeter os próprios fatores positivos a um atento discernimento, para que não se isolem uns dos outros, nem entrem em oposição entre si, absolutizando-se e combatendo-se mutuamente. O mesmo se diga dos fatores negativos: não são de rejeitar em bloco e sem distinções, porque em cada um deles pode ocultar-se algum valor que espera ser libertado e reconduzido à sua verdade plena» [163].

298. Mas, para acompanhar os outros neste caminho, primeiro precisas de ter o hábito de o percorreres tu próprio. Maria fê-lo, enfrentando as suas questões e as suas próprias dificuldades, quando era ainda muito jovem. Que Ela renove a tua juventude com a força da sua oração e te acompanhe sempre com a sua presença de Mãe.

...

*E para concluir... um desejo*

299. Queridos jovens, ficarei feliz vendo-vos correr mais rápido do que os lentos e medrosos. Correi «atralidos por aquele Rosto tão amado, que adoramos na sagrada Eucaristia e reconhecemos na carne do irmão que sofre. O Espírito Santo vos impulsiona nesta corrida para a frente. A Igreja precisa do vosso impulso, das vossas intuições, da vossa fé. Nós temos necessidade disto! E quando chegardes aonde nós ainda não chegamos, tende a paciência de esperar por nós» [164].

Loveto, no Santuário da Santa Casa, a 25 de março – Solenidade da Anunciação do Senhor – do ano 2019, sétimo do pontificado.

Franciscus

[1] O mesmo termo grego que significa «novo», é usado para dizer «jovem».

[2] Confissões, X, 27: PL 32, 795.

[3] Santo Ireneu, *Contra as heresias*, II, 22, 4: PG 7, 784.

[4] Documento Final da XV Assembleia Geral Ordinária do Sínodo dos Bispos (27/X/2016), 60. A partir de agora, este documento será citado com a sigla DF. É possível consultá-lo no site

Conclusão

Datação

Assinatura

Notas

**Figura 2 – Páginas 4 e 67 recortadas da Eaps-CV**  
**Fonte:** Francisco (2019).

Recortadas as páginas 4 e 67, nelas retratamos o início e o fim dos blocos textuais criados na Eaps-CV, a começar pela introdução, passando ao desenvolvimento de capítulos que, por sinal, recebem uma numeração romana sequencial e um título, e subtópicos, terminando com a conclusão e a datação do documento. Nessa exortação, em específico, os capítulos são iniciados com uma prévia à ideia que será explanada no tópico em questão. Outrossim, dispomos de subtópicos temáticos, arranjados dentro de todo capítulo. Finalmente, o Papa encerra em “E para concluir... um desejo”, no qual expressa os seus anseios no tocante ao relacionamento da juventude com a igreja.

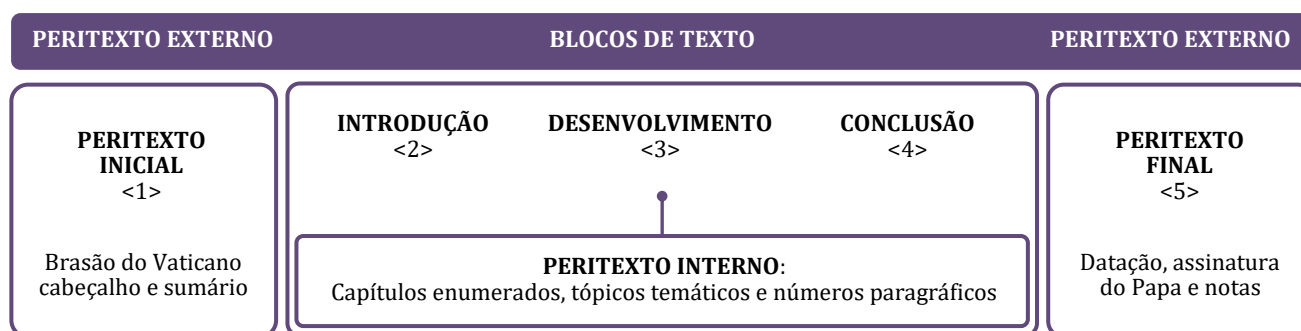
Adam (2022) argumenta que texto é um conjunto ordenado de signos que deve formar um todo, marcado por um início e um fim. Os elementos que estão situados nas zonas periféricas do texto são chamados de peritextos. Nessa exortação, o brasão do Vaticano, o cabeçalho e o sumário constituem o peritexto inicial; e o peritexto final é formado pela datação, assinatura do Papa e notas. Os peritextos final e inicial são definidos como as fronteiras externas do texto ou peritextos externos (ADAM, 2022), esses componentes delimitam estruturalmente os blocos de texto que desenvolvem o assunto principal da exortação. Ademais, os blocos de texto também estão situados entre elementos, que recebem o nome de peritextos internos (ADAM, 2022): os capítulos enumerados, os tópicos temáticos e os números empregados à cada parágrafo. Os peritextos e os blocos de texto integram a estrutura macrotextual da Eaps-CV.

A Eaps-CV está estruturada em torno de 299 parágrafos, da introdução à conclusão, seguindo a mesma tipificação bíblica: capítulos, tópicos temáticos e parágrafos. Por funcionarem como artigos exploratórios das doutrinas religiosas cristãs e por postularem os dogmas da fé católica, são organizados dessa maneira para facilitar a identificação de trechos de documentos produzidos pela cúria

romana, ao serem mencionados em futuras publicações. Por essa razão, identifica-se uma exortação apostólica pelo termo em latim que a nomeia e, ao ser citada, codifica-se o referente da citação obedecendo a regra de abreviação do nome, seguida do número do parágrafo referido. Exemplo: *Chistus Vivit*, parágrafo 23, torna-se CV, n. 23.

Sabendo que o gênero exortação apostólica é uma espécie de carta, atribuímos o aspecto convencional ou fixo ao seu plano de texto, pois constatamos que as mesmas características atribuídas por Adam (2011) à análise da estrutura composicional da carta de Corneille e Colbert são perceptíveis no plano da Eaps-CV. O teórico Suíço ratifica que, embora a carta possa ser escrita de diversas maneiras, é inegável a constância de certos itens, tais como: o contato inicial com o destinatário – no caso da Eaps-CV, se deu no cabeçalho, quando do endereçamento da exortação aos jovens e a todo o povo de Deus –, a apresentação e o desenvolvimento do assunto, e a conclusão.

Feita essa breve amostragem e descrição, baseados em Adam (2011), esquematizamos o primeiro plano de texto para Eaps-CV, reunindo os segmentos apontados anteriormente.



**Esquema 3** – Plano de texto 1 (PdeT-1)

**Fonte:** Elaboração própria.

A Eaps-CV possui dois conjuntos modulares distintos em seu plano de texto: os elementos peritextuais – reunidos em peritexto inicial <1>, onde temos o brasão do Vaticano, o cabeçalho (tipo de documento, remetente e destinatários) e o sumário, e peritexto final <5>, composto por datação (local e data), assinatura do Papa e notas –; e os blocos de textos – agrupados em introdução <2>, desenvolvimento <3> e conclusão <4>, organizados em capítulos enumerados, tópicos temáticos e números paragrafícos, que funcionam enquanto peritexto interno. Os elementos peritextuais (externo e interno) delimitam as fronteiras dos blocos textuais que introduzem, desenvolvem e concluem o tema do discurso papal.

Os índices <2> e <4> são as zonas discursivas de transição e atuam como segmentos fáticos (ADAM, 2011), ou seja, anunciam e interpelam os interlocutores, apesar de que em <3>, vez ou outra, o Papa, do mesmo modo, fala diretamente aos seus destinatários, convidando-os à reflexão e ao diálogo. Adam (2011) nos diz que, nessas partes do plano de texto (<2> e <4>), normalmente, o locutor tenta suscitar o que ele qualifica de “elementos patéticos”, com a intenção de conduzir o interlocutor no curso argumentativo que será estabelecido no texto (<4>), e convencê-lo de sua proposição discursiva. E assim Francisco faz: Cristo vive, destaca na primeira linha do parágrafo 1, e Ele é a juventude mais bela, transvestida de esperança e força; independentemente do distanciamento entre Jesus e, nessa exortação, o jovem, Ele está disposto a acolhê-lo na tristeza ou quando surgir as

dúvidas e o medo do fracasso, pois Ele é vida e, de acordo com o Papa, o quer vivo (introdução <2>).

A sua estratégia argumentativa é enviesada, primeiro, pela análise do contexto e, segundo, pela oferta de uma possível resposta que o mundo não possui para as suas complicações. Desse modo, ele perscruta os anseios típicos de um jovem e tenta convencê-lo com base no despertar de emoções específicas, ligadas a essas preocupações. Então, como a juventude é um período de amadurecimento e indecisões, o Papa elucida que Jesus oferece conforto e esperança quando das incertezas da vida. Contudo, tendo em mente a semântica global do texto, ele deixa escapar que as necessidades referidas (CV, n. 2) são, igualmente, as próprias da igreja, mostrando, desse modo, uma fragilidade tanto da juventude atual quanto da instituição religiosa que comanda.

Já na conclusão (<4>), o Pontífice alega que estará feliz quando ver a juventude correr à procura de Jesus, porque a igreja precisa dos jovens para evoluir (“A Igreja precisa do vosso ímpeto, das vossas intuições, da vossa fé. E quando chegarem aonde nós ainda não chegamos, tenham paciência para esperar por nós.” (CV, n. 299)), e os jovens precisam de Jesus para ter vitalidade, confiança e ânimo.

Esses são dois dos pontos mais salientes na Eaps-CV: Jesus quer ser um amigo e pretende ajudá-los na maturação do discernimento, e a igreja almeja criar uma maior afinidade, pois carece de mudanças, que eles podem proporcionar, e de redenção dos abusos cometidos por consagrados, o que levou os jovens a se afastarem da igreja (CV, n. 40).

Considerando os dizeres do Papa, entendemos que a união entre Jesus e juventude é a fórmula ideal para a recuperação de uma igreja que corre o risco de estagnar-se no tempo e, conseqüentemente, perder seus fiéis, posto que a sociedade mudou e a igreja precisa encontrar as melhores formas de adaptação, sem perder de vista os seus ideais (CV, n. 102).

A título de ilustração, as partes correspondentes aos índices <2>, <3> e <4> estão sistematizadas em 9 capítulos, 49 tópicos temáticos e 299 parágrafos, os quais se encontram distribuídos no plano de texto seguinte, afora os componentes peritextuais <1> e <5>.

Nº	PARTES DO PLANO DE TEXTO QUE CONSTITUE A EAPS-CV			
1	PERITEXTO INICIAL	Brasão do Vaticano, cabeçalho (tipo de documento, remetente e destinatários) e sumário		
2	INTRODUÇÃO	<i>Cristo vive</i> (introdução ao assunto e apresentação dos destinatários) (1-4)		
3	DESENVOLVIMENTO	PERITEXTO INTERNO		
		CAPÍTULOS	TÓPICOS TEMÁTICOS	PARÁGRAFOS
		<b>Capítulo I</b> QUE DIZ A PALAVRA DE DEUS SOBRE OS JOVENS?	<i>No Antigo Testamento</i> <i>No Novo Testamento</i>	[5-11] [12-21]
		<b>Capítulo II</b> JESUS CRISTO SEMPRE JOVEM	<i>A juventude de Jesus</i> <i>A sua juventude ilumina-nos</i> <i>A juventude da Igreja</i> <i>Uma Igreja que se deixa renovar</i> <i>Uma Igreja atenta aos sinais dos tempos</i> <i>Maria, a jovem de Nazaré</i> <i>Jovens santos</i>	[23-29] [30-33] [34] [35-38] [39-42] [43-48] [49-63]
		<b>Capítulo III</b> VÓS SOIS O AGORA DE DEUS	<i>Em positivo</i> <i>Muitas juventudes</i> <i>Algumas coisas que sucedem aos jovens</i> <i>Jovens dum mundo em crise</i> <i>Desejos, feridas e buscas</i> <i>O ambiente digital</i> <i>Os migrantes como paradigma do nosso tempo</i> <i>Acabar com todas formas de abuso</i> <i>Há uma via de saída</i>	[65-67] [68-70] [71] [72-80] [80-85] [86-90] [91-94] [95-102] [103-110]

	<b>Capítulo IV</b> O GRANDE ANÚNCIO PARA TODOS OS JOVENS	<i>Um Deus que é amor</i> <i>Cristo salva-te</i> <i>Ele vive!</i> <i>O Espírito dá vida</i>	[112-117] [118-123] [124-129] [130-133]
	<b>Capítulo V</b> PERCURSOS DE JUVENTUDE	<i>Tempo de sonhos e opções</i> <i>A vontade de viver e experimentar</i> <i>Na amizade de Cristo</i> <i>O crescimento e a maturação</i> <i>Percursos de fraternidade</i> <i>Jovens comprometidos</i> <i>Missionários corajosos</i>	[136-143] [144-149] [150-157] [158-162] [163-167] [168-174] [175-178]
	<b>Capítulo VI</b> JOVENS COM RAÍZES	<i>Que não te arranquem da terra</i> <i>A tua relação com os idosos</i> <i>Sonhos e visões</i> <i>Arriscar juntos</i>	[180-186] [187-191] [192-197] [198-201]
	<b>Capítulo VII</b> A PASTORAL DOS JOVENS	<i>Uma pastoral sinodal</i> <i>Grandes linhas de ação</i> <i>Ambientes adequados</i> <i>A pastoral das instituições educacionais</i> <i>Diferentes áreas de desenvolvimento pastoral</i> <i>Uma pastoral juvenil popular</i> <i>Sempre missionários</i> <i>O acompanhamento pelos adultos</i>	[203-208] [209-215] [216-220] [221-223] [224-229] [230-238] [239-241] [242-247]
	<b>Capítulo VIII</b> A VOCAÇÃO	<i>A chamada à amizade com Ele</i> <i>Ser para os outros</i> <i>O amor e a família</i> <i>O trabalho</i> <i>Vocações para uma consagração especial</i>	[250-252] [253-258] [259-267] [268-273] [274-277]
	<b>Capítulo IX</b> O DISCERNIMENTO	<i>Como discernir a tua vocação</i> <i>A chamada do Amigo</i> <i>Escuta e acompanhamento</i>	[283-286] [287-290] [291-298]
4	<b>CONCLUSÃO</b>	<i>E para concluir... um desejo</i>	[299]
5	<b>PERITEXTO FINAL</b>	Local e data, assinatura do remetente e notas	

**Quadro 2** – Plano de texto 2 (PdeT-2)

**Fonte:** Elaboração própria.

O PdeT-2 reúne, de um ponto focal e genérico, a integridade organizacional da Eaps-CV. Arranjado em 5 linhas, o PdeT-2 se diferencia do PdeT-1 por expandir o conteúdo de seus elementos, além de trazer os índices <2>, <3> e <4> agrupados, já que, ao simplificarem e listarem os componentes inerentes ao desenvolvimento do texto, indicam os 9 capítulos, os 49 subtópicos e os 299 parágrafos do documento. No PdeT-2, é possível verificar: (i) a nomeação capitular e subtópica e (ii) os números paragrafícos concernentes aos capítulos e subtópicos, o que pensamos prenunciar o conteúdo do plano de texto subsequente.

O plano de texto, em nossa concepção, extrapola os limites impostos pelas operações de segmentação e ligação. Defendemos que as suas partes denotam a rede argumentativa que permeia o texto em serventia da defesa de uma ou mais teses (FONSECA, 2020). Assim, analisar o plano de texto se configura como um recurso de aprofundamento analítico, tanto no que se refere à percepção da plenitude textual, quanto da correspondência argumentativa e semântica estabelecida pelas seqüências que o integra. Por isso, no plano de texto 3 (PdeT-3), procuramos sintetizar o conteúdo referencial dos 9 capítulos da Eaps-CV.

CAPÍTULOS	SÍNTESE
<b>Capítulo I</b> QUE DIZ A PALAVRA DE DEUS SOBRE OS JOVENS?	O Papa cita uma série de jovens bíblicos, do novo ao velho testamento, que apresentam aspectos semelhantes à juventude atual. Além disso, enfatiza o respeito que a juventude deve ter para com os mais velhos. - “Salomão, quando teve que suceder seu pai, sentiu-se perdido [...]. No entanto, a audácia da juventude o levou a pedir a Deus sabedoria [...].” (CV, n. 10) - “O evangelho também nos fala de cinco jovens prudentes, que estavam preparadas e atentas, enquanto outras cinco viviam distraídas e adormecidas [...].” (CV, n. 19)

	<p>- “No entanto [...], aos jovens se recomenda: ‘Sede submissos aos anciãos’” (CV, n. 16)</p>
<p><b>Capítulo II</b> JESUS CRISTO SEMPRE JOVEM</p>	<p>Jesus é colocado como a verdadeira juventude, capaz de dar vida plena e renovação aqueles que com Ele anda. Francisco faz questão de mencionar certos problemas que a igreja tem enfrentado e que, para solucioná-los, é preciso abraçar a juventude de Jesus e trazer o jovem à igreja, para realizar a sua missão e se aliar nesse processo de redenção. Por fim, o Papa cita a história de vida de Maria, mãe de Jesus, como exemplo que a igreja deve copiar, e salienta a missão que muitos jovens santos realizaram, como Jesus, modelo a ser seguido pela a juventude moderna.</p> <ul style="list-style-type: none"> <li>- “Ele [, Jesus,] é a verdadeira juventude de um mundo envelhecido, e também é a juventude de um universo que espera com ‘dores de parto’ [...]” (CV, n. 32)</li> <li>- “São precisamente os jovens que podem ajudá-la [, a Igreja,] a se manter jovem, a não cair na corrupção, a não se acomodar [...]” (CV, n. 37)</li> <li>- “Dela [, Maria,] aprendemos a dizer ‘sim’ com teimosia, paciência e criatividade daqueles que não se encolhem e voltam a começar” (CV, n. 45)</li> <li>- “São Francisco de Assis, sendo muito jovem e cheio de sonhos, escutou o chamado de Jesus para ser pobre como Ele e restaurar a Igreja com o seu testemunho” (CV, n. 52)</li> </ul>
<p><b>Capítulo III</b> VÓS SOIS O AGORA DE DEUS</p>	<ul style="list-style-type: none"> <li>- “Como são os jovens e hoje e o que eles sentem agora?” (CV, n. 64)</li> </ul> <p>Nesse capítulo, o Papa apresenta uma síntese dos contributos dos jovens que responderem ao questionário <i>online</i> do Sínodo de 2018, e traça um perfil da juventude atual. Aqui, Francisco trata das diferentes realidades contextuais em que vivem os jovens; jovens expostos ao sofrimento e manipulação; jovens que vivem em contextos de guerra; jovens violentados de inúmeras maneiras: sequestros, extorsão, crime organizado, tráfico de pessoas, escravidão e exploração sexual, estupro de guerra etc.; jovens sem oportunidades e que se embrenham na marginalidade; jovens ideologizados por grupos políticos ou poderes econômicos; jovens excluídos por motivos religiosos, étnicos ou econômicos. Ademais, Francisco não deixa escapar o fato de que vivemos em uma era digital, ressalta o problema dos movimentos migratórios forçados e os abusos sexuais praticados dentro da igreja.</p>
<p><b>Capítulo IV</b> O GRANDE ANÚNCIO PARA TODOS OS JOVENS</p>	<p>O Papa faz o anúncio de três verdades fundamentais da fé cristã: (i) Deus é amor, (ii) Cristo salva e (iii) Ele vive. A terceira verdade cristã nomeia a exortação apostólica pós-sinodal em análise. Dessa maneira, Francisco assevera ao jovem sobre o amor divino e que, independentemente de quem seja, está disposto sustenta-lo e dá-lo liberdade. Através dessa liberdade é possível salvar-se do pecado e da culpa, pois Cristo vive e quer dar vida a quem é seu amigo.</p> <ul style="list-style-type: none"> <li>- “Nunca duvides, apesar do que te aconteça na vida. Em qualquer circunstância, és infinitamente amado” (CV, n. 112)</li> <li>- “Ele nos perdoa e nos liberta gratuitamente” (CV, n. 121)</li> <li>- “Se Ele vive, então poderá estar presente em tua vida, em cada momento [...]. Assim, nunca mais haverá solidão nem abandono” (CV, n. 125)</li> </ul>
<p><b>Capítulo V</b> PERCURSOS DE JUVENTUDE</p>	<p>Ele trata a juventude como um tempo onde se percorre caminhos de amadurecimento e desenvolvimento da personalidade, lugar de experimentar novidades e de desenhar sonhos. Além disso, encoraja a juventude a ser autêntica e “nadar contra a corrente” (cf. CV, n. 176), sendo amigos e arautos do amor de Cristo; aconselha a viver intensamente, porém com responsabilidade, a ir além dos grupos de amizades mais próximas e se prestarem ao serviço comunitário, em busca de transformar a realidade em que vive.</p> <ul style="list-style-type: none"> <li>- “A juventude, fase do desenvolvimento da personalidade, está marcada por sonhos que vão tomando corpo [...], por tentativas e experimentações, por escolhas que constroem gradualmente um projeto de vida” (CV, n. 137)</li> </ul>



	<p>- “Mas, acima de tudo, de um jeito ou de outro, sejam lutadores pelo bem comum, sejam servidores dos pobres, sejam protagonistas da revolução da caridade [...]” (CV, n. 174)</p>
<p><b>Capítulo VI</b> JOVENS COM RAÍZES</p>	<p>É neste ponto em que Francisco demonstra preocupação com o desenraizamento juvenil, uma vez que acredita que a sociedade atual estimula uma rejeição ao que é tradição e histórico, em função do novo e do belo superficial. O Papa defende que não se deve permitir uma ruptura entre gerações, pois a cultura dos mais velhos (nesse caso, as tradições religiosas) são as raízes que darão forças quando as trilhas incertas do futuro trouxerem adversidades.</p> <p>- “Se caminharmos juntos, jovens e anciãos, poderemos estar bem enraizados no presente e, a partir daqui, frequentar o passado e o futuro: frequentar o passado para aprender com a história e curar as feridas [...]; frequentar o futuro para alimentar o entusiasmo, fazer germinar sonhos [...]” (CV, n. 199)</p>
<p><b>Capítulo VII</b> A PASTORAL DOS JOVENS</p>	<p>Papa Francisco inicia afirmando que a sociedade mudou e é necessário que as pastorais juvenis também sofram alterações. É preciso dar ouvidos à voz da juventude e prepará-los à proclamação do amor de Cristo, pois as pastorais atuais são insuficientes para suprir as inquietações do jovem moderno. Conquanto, a estratégia é unificar as práticas antigas que dão resultados às novas metodologias desenvolvidas. Desse modo, Francisco coloca a diversidade como fator determinante da evangelização, em que urge a criação de uma Pastoral Popular, umbilicalmente missionária, já que a heterogeneidade juvenil é evidente: existem aqueles que gostam da intimidade com Deus, em oposição a outros que aproveitam as datas festivas da igreja; há jovens engajados em questões sociais ou movimentos artísticos, que gostam de esportes ou são comprometidos com o cuidado ao meio ambiente etc.</p> <p>- “No Sínodo, apareceram muitas propostas orientadas a renovar a Pastoral Juvenil e a libertá-la de esquemas que já não são eficazes porque não entram em diálogo com a cultura atual dos jovens” (CV, n. 208)</p> <p>- “Consiste em uma pastoral mais ampla e flexível que estimule [...] essas lideranças naturais [...]. Trata-se, antes de tudo, de não colocar tantos obstáculos, normas, controles e estruturas obrigatórias a esses jovens fiéis [...]. Somente se há de acompanhá-los e encorajá-los [...]” (CV, n. 230).</p>
<p><b>Capítulo VIII</b> A VOCAÇÃO</p>	<p>Francisco argumenta que o mundo oferece superficialidades que nos distraem, enquanto que Deus entrega sentido e salvação. Por esse motivo, incentiva ao jovem criar laços de amizade com Jesus, já que Ele dá vida eterna e amor gratuito. Outrossim, conclama que todos são criados com um propósito para a glória de Deus. Portanto, na formação pastoral e espiritual, é vital o despertar da vocação de cada indivíduo. E, para Francisco, a vocação de Deus é, fundamentalmente, usar as habilidades individuais para servir ao próximo.</p> <p>- “[...] receberás muitas propostas maquiadas que parecem belas e intensas, embora com o tempo te deixarão vazio, cansado e só” (CV, n. 277)</p> <p>- “O fundamental é discernir e descobrir que o que Jesus quer de cada jovem é, antes de tudo, sua amizade” (CV, n. 250)</p> <p>- “Somos chamados pelo Senhor para participar de sua obra criadora, prestando nossa contribuição para o bem comum a partir das capacidades que recebemos” (CV, n. 253)</p>
<p><b>Capítulo IX</b> O DISCERNIMENTO</p>	<p>Francisco exorta que é importante o jovem formar uma consciência maturada em Cristo, e abrir espaço para um discernimento profundo e fiel a Deus. Por meio desse discernimento ele poderá entender a própria vocação, ao se perguntar sobre o mundo, o outro e a igreja, considerando a sua contribuição e propósito. Outro enfoque dado por é o da atuação direta empreendida por sacerdotes ou pessoas religiosas em relação ao atendimento do jovem. O Papa aconselha escutar a juventude a partir de 3</p>

sensibilidades ou atenções: (i) atenção à pessoa que se revela nas palavras professadas; (ii) ouvir e discernir o que é graça divina e/ou tentação mundana que interfere nos sonhos do jovem; e (iii) perceber para onde ele realmente deseja ir, deixando-o livre para percorrer o seu próprio caminho, suscitando e acompanhando um processo, em vez de impô-lo.

- “Nesse contexto situa-se a formação da consciência, que permite que o discernimento cresça em profundidade e na fidelidade a Deus [...]” (CV, n. 281)
- “Essa formação implica deixar-se transformar por Cristo [...]” (CV, n. 281)
- “Quando nos cabe ajudar o outro a discernir o caminho de sua vida, a primeira coisa é escutar. Essa escuta pressupõe três sensibilidades ou atenções [...]” (CV, n. 291)

**Quadro 3** – Plano de texto 3 (PdeT-3)

**Fonte:** Elaboração própria.

A estrutura argumentativa da *Eaps-CV*, a nosso ver, se firma em torno de duas teses gerais, brevemente exploradas anteriormente com a interpretação dos fragmentos inicial e final, voltadas à introdução e a defesa de um Jesus amigo e vital, e de uma igreja engessada, carente de reformas e remissão.

Primeiramente, Francisco argumenta que a juventude é uma etapa de crescente vitalidade, mas também cheia de dúvidas, de incertezas, de anseio por autonomia e de aquisição de responsabilidades, pela qual se dá o amadurecimento da personalidade e preparação para o enfrentamento da vida (CV, n. 137). Viver esse período, mais do que a fase adulta ou a infância, é estar despreparado e exposto a problemas e possíveis fracassos que podem causar desânimo e solidão, a exemplo dos sofrimentos experienciados pelo filho pródigo, relatados na parábola contada por Jesus em Lc 15, 11-32 (CV, n. 12). Aos poucos, essa vitalidade pode ir se perdendo, caso o sujeito não saiba enfrentar as dificuldades que aparecerem. Ele anuncia que Jesus deseja a construção de uma amizade verdadeira com a juventude, pela qual será capaz de sustentá-la e renová-la quando a desesperança a aplacar (CV, n. 13).

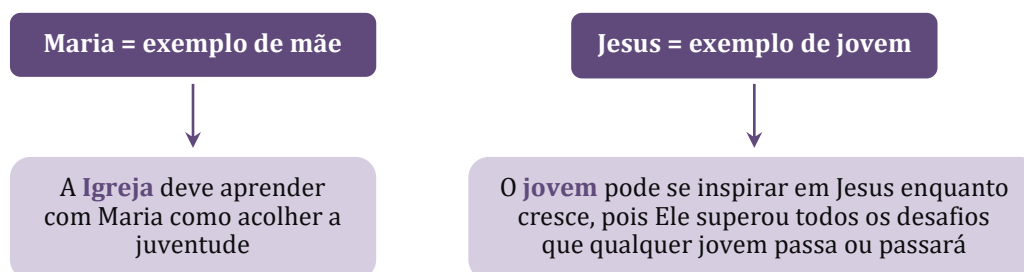
O outro argumento, agora em relação à igreja, ressalta a importância do rejuvenescimento institucional, quando, na verdade, em sua opinião, é interesse de muitos manter os mesmos padrões dogmáticos e doutrinários caducos, visando uma igreja forte e resistente frente às mudanças que a sociedade vem passando (CV, n. 35) e que podem intimamente acometer os seus princípios religiosos. O Papa endossa uma renovação e uma retomada dos princípios de Jesus, ao passo que tem de estar constantemente alerta às tentações, esforçando-se para, com a cooperação direta e ativa de uma juventude intuitiva, entusiasmada e de fé, “[...] não cair na corrupção, não parar, não se orgulhar, [...] estar perto dos últimos e descartados, lutar pela justiça, deixar-se interpelar com humildade.” (CV, n. 37).

Para tanto, ele se pergunta “Que diz a palavra de Deus sobre os jovens?” (capítulo I). Em função desse questionamento, traça um perfil do sujeito jovem, demonstrando que as suas características se manifestam na juventude de personagens bíblicas, como José, Samuel e Salomão (CV, n. 6, 8, 10), os quais se sentiram perdidos e inexperientes ao serem desafiados pela vida. No entanto, ajudados por Deus, conseguiram completar suas vocações com excelência. Por esse motivo, Francisco defende uma juventude com raízes fortes, ligada à cultura e valores dos mais velhos, e atenta às experiências de seus antecessores (CV, n. 16); além disso, instrui a transformar essa expertise em ponto de apoio entre passado, presente e futuro. Assim, será possível “[...] visitar o passado, para aprender da

história e curar as feridas que às vezes nos condicionam; visitar o futuro, para alimentar o entusiasmo, fazer germinar os sonhos [...]” (CV, N. 199) e experienciar o presente com força e coragem.

No capítulo II, o Papa fala sobre um “Jesus Cristo sempre jovem”, espelho para uma juventude que se prepara para realizar os seus sonhos e sua vocação. E Jesus é o acesso eficaz a esses propósitos, sempre disposto ao acolhimento do jovem necessitado.

Vejamos de que forma ele constrói seus argumentos.



**Esquema 4** – Principais teses do capítulo II

**Fonte:** Elaboração própria.

Nesse capítulo, de um lado, destaca-se Maria, mãe de Jesus, como o “[...] grande modelo para uma igreja jovem [...]” (CV, n. 43). Maria, nas palavras de Francisco, “Foi a mulher forte do ‘sim’, que apoia e acompanha, protege e abraça.” (CV, n. 45). Inspirada em Maria, Francisco exorta à igreja para dedicar-se ao acolhimento de todos com humildade, sempre aberta ao diálogo e à escuta de uma juventude temerosa, duvidosa e de senso crítico aguçado, porém igualmente sonhadora, vívida e sensível (CV, n. 41-42). É por intermédio dessa juventude santa que a igreja conseguirá renovar-se.

Por outro lado, Jesus é posto como exemplo juvenil. Convicto de sua vocação, Ele preparou-se incansavelmente para realizar sua missão e, em nenhum momento, duvidou do amor de Deus (CV, n. 25), foi fiel aos amigos e familiares (CV, n. 29), demonstrava compaixão pelos mais frágeis e fracos, sobretudo pelos pobres, doentes, pecadores e excluídos socialmente.

Ao dizer que “Em Jesus, todos os jovens se podem rever.” (CV, n. 31), observamos que Francisco tenta cativá-los ao compará-los com Cristo, objetivando despertar uma sensação de pertencimento, fazendo-os se sentirem semelhantes a essa figura religiosa tão aclamada. Considerando a juventude como período de formação da identidade, ao colocar o jovem no mesmo nível identitário de Cristo, instiga-o a se inspirar na pessoa de Jesus e a fortalecer outros aspectos de benignidade prováveis de desenvolvimento. Em todo o texto, ele clama por uma juventude participativa na construção de uma sociedade nova, alicerçada nos valores de amor e de compaixão de Cristo, incentivando-a se atrever fazer a diferença e “[...] testemunhar a beleza da generosidade, do serviço, da pureza, da fortaleza, do perdão, da fidelidade à própria vocação, da oração, da luta pela justiça e o bem comum, do amor aos pobres, da amizade social.” (CV, n. 36).

A atuação dos jovens no processo de renovação social almejado por Francisco acontece no presente, pois, segundo ele, “Vós sois o agora de Deus” (capítulo III). É aqui que, sem pretender fazer uma análise exaustiva, descreve as realidades onde vivem os jovens contemporâneos. Ele fala em juventudes, no plural, haja vista a multiplicidade de contextos sociais e culturais dispersos em 7 continentes.

Para dissertar sobre esse assunto, Papa Francisco baseou-se nas respostas dadas por jovens de todo o mundo ao questionário *online* do Sínodo de 2018, no qual tiveram a oportunidade para retratar sobre costumes, problemas sociais e abusos sofridos ou presenciados no dia a dia. Com essa estratégia de aproximação, intentou escutar a voz daqueles julgados pela igreja, que não aceitam seus posicionamento e provocações, e pelos adultos, que não cansam de apontar os seus defeitos (CV, n. 66).

Apoiado nesses relatos, a juventude atual é definida como parte de um mundo em crise que, embora desfrute de progressos tecnológicos e científicos, lida com diversas formas de manipulação e vicissitudes que acarretam certos problemas à sociedade. Entre muitos deles, Francisco cita:

- Jovens que vivem em contextos de guerra;
- Jovens que vivem inúmeras formas de violência: sequestros, extorsão, crime organizado, tráfico de pessoas, escravidão e exploração sexual, estupros de guerra etc.;
- Jovens sem oportunidades e que se embrenham na marginalidade;
- Jovens ideologizados por grupos políticos ou poderes econômicos e,
- Jovens excluídos por motivos religiosos, étnicos ou econômicos.

Tudo isso leva-o a rogar por uma igreja empática, que chora diante os dramas das juventudes e oferece acolhimento, pois quando a igreja aprender a chorar, ela será capaz de ajudar genuinamente o próximo (CV, p. 33).

Francisco, em acréscimo, aponta o ambiente digital, os movimentos migracionais forçosos e os abusos sexuais cometidos por consagrados como causas da negação da igreja. Ele afirma que as redes sociais propiciam a formação de um pensamento enrijecido e resignado à mesma perspectiva, tendo em vista que pessoas pesquisam na *internet* somente o que lhes agrada, facilitando o distanciamento de um diálogo saudável entre ideologias contrárias, além de fomentar a propagação de *fake News*, gerando ódio e preconceito (CV, n. 89).

Sobre a migração de povos, alega que esse é um sintoma global e precede a geração contemporânea, promovendo rupturas familiares e desenraizamento cultural (CV, n. 93). A igreja, nesse quesito, assume o papel essencial de orientar e de se colocar como ponto de referência cultural e religiosa aos jovens que foram coagidos a migrar de sua região para outra, com costumes e valores diferentes.

Por último, se posiciona veementemente contrário aos abusos sexuais realizados por bispos, sacerdotes e religiosos (CV, n. 95), comprometendo-se a adotar medidas rigorosas que corroborem na prevenção e aplicação de punições apropriadas (CV, n. 97).

Ressaltamos o que, a nosso ver, trata-se de um dos parâmetros da esquematização retórica do Pontífice: a juventude é colocada como aquela propícia à remissão da igreja (CV, n. 102). Ele argumenta ser esses abusos uma das fraquezas que o cargo de clérigo carrega, posto que, essa posição traz a sensação de superioridade e, por isso, sentem-se tentados a extrapolar a autoridade exercida sobre os outros (CV, n. 98). É somente trazendo o jovem para junto das pastorais juvenis que, com a sua ajuda, será possível redimir os erros que condenam a igreja diante da sociedade.

Papa Francisco não nega as atrocidades realizadas por seus subordinados e diz não tentar maquiá-las, mas sim puni-las (CV, n. 97 e 101). No entanto, vemos, nessas palavras, uma brecha em seus argumentos: na medida em que expressa a sua vontade de criar um vínculo igreja-juventude e realizar as incumbências institucionais assentadas nos propósitos de Deus, do mesmo modo, podemos pensar que esses objetivos são apenas táticas que visam o perdão dos “pecados da igreja”,

o que, na prática, não é de todo ruim, porém podem ser assimiladas como práticas oportunistas, ao invés de intenções cristãs legítimas.

Nesse íterim, a fim de convencer os seus leitores, no capítulo IV, Francisco anuncia três “verdades” intrínsecas ao fortalecimento de suas teses: Jesus é a expressão de um amor livre; Jesus salva gratuitamente, sem prerrogativas; e Jesus vive. Então, se Ele vive, estará a cada instante ao lado de quem o procura.

“O grande anúncio para todos os jovens” (capítulo IV) evidencia carências ou aspirações ligadas à juventude: liberdade, aceitação e companhia. Dessa maneira, na *Eaps-CV*, entrega-se um Jesus absoluto e apto para supri-las. Se os jovens se sentem presos pelas normas ou privados da dúvida, Jesus oferece liberdade (CV, n. 116) e, ainda por cima, amor incondicional, sem pedir nada em troca (CV, n. 118 e 120); se são apreensivos devido aos julgamentos, Jesus salva-os sem distinção ou condenação (CV, n. 121); e quando estiverem sozinhos, Jesus é o arquétipo de pai e amigo (CV, 113).

Notamos o sensacionalismo envolto na imagem representada de Jesus, probo e perfeito para aliviar as dores e ajudar a atravessar as adversidades, sendo a solução para qualquer dilema. O Papa prediz que outras saídas são passageiras, em oposição as outorgadas por Jesus, que são definitivas. Segundo ele, tudo isso é possível de ser encontrado com a igreja e na condição de mentora.

Mas o que é a juventude, de fato?

As respostas para esse questionamento são dissertadas no capítulo V, no qual se é revelado os “Percurso de juventude”. Francisco a caracteriza “Como fase do desenvolvimento da personalidade, [...] marcada por sonhos que se vão formando, relações que adquirem consistência [...], tentativas e experiências, opções que constroem gradualmente um projeto de vida.” (CV, n. 137). Ser jovem, em sua concepção, é estar apto a idealizar sonhos e fazer escolhas para alcançá-los. A vontade de vivê-los e experimentá-los pode ocasionar desilusões, fracassos, lamentos e acomodações. À vista disso, ele alerta aos jovens que procurem consolidar relações comunitárias, pois o poder do convívio social e do compartilhamento de experiências com as outras pessoas facilitam a absolvição das dificuldades encontradas no caminho de maturação. Além do mais, eles só chegarão a experimentar da sua juventude, com profundidade e plenitude, na medida em que se relacionarem com Cristo.

Do ponto de vista discursivo, Francisco elabora seu argumento na dinamicidade prestada entre causa e consequência:

- Os jovens querem alcançar seus sonhos e serem felizes, porém, só conseguirão alcançá-los com plenitude no relacionamento com Deus;
- Se não houver uma amizade com Cristo, as suas escolhas serão falhas e passageiras, ao contrário do que Jesus oferece.

Em função disso, ele provoca-os a adentrarem nos caminhos da fraternidade, a excederem os limites das amizades, a se relacionarem com Cristo e a cobiçarem o bem comum. Com coragem, frescor e entusiasmo, convida-os a pregarem o amor, a espalharem esperança e luz, colaborando na realização de um sonho que, antes de tudo, é o sonho de Deus.

Na *Eaps-CV*, Papa Francisco também se propõe a sintomatizar a realidade da juventude moderna e a lançar planos de ação que a igreja deve pôr em prática. E como mais um dos aspectos que a caracteriza, ele disserta sobre o papel da globalização e de grupos ideológicos que usam os jovens para proveito próprio e obtenção de benefícios econômicos ou políticos. Com efeito, os levam a se afastarem da história de suas famílias, ao estimularem a recusa dos valores espirituais

transmitidos pelas gerações passadas e o culto a tudo que é novo. Desse modo, a juventude acaba por desfazer os laços culturais de seus antepassados, ocasionando o que é chamado de desenraizamento.

Ele argumenta que as raízes são como um “[...] um ponto de arraigamento que nos permite crescer e responder aos novos desafios.” (CV, n. 200). Sem esses marcos referenciais, dificilmente será viável a edificação de uma sociedade que não cometa erros similares aos praticados no passado. Na prática, essas raízes se convertem nos valores religiosos da igreja, pelos quais se mantêm na direção certa, rumo a um futuro exitoso. Semanticamente, nesse caso, a prerrogativa da riqueza espiritual proporcionada pela igreja de Cristo mascara as falhas perpetradas por seus membros, que servirão ao direcionamento e alcance de um mundo melhor (CV, n. 201), assumindo, portanto, um caráter positivo.

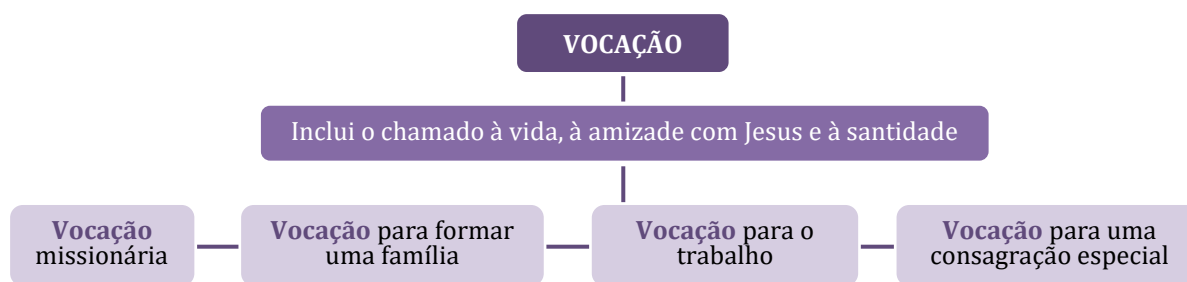
Do capítulo VII em diante há uma mudança na perspectiva discursiva da exortação: se nos capítulos anteriores o foco era contextualizar o que é ser jovem nos dias atuais, conjecturando os aparentes indícios que o faz distanciar-se da igreja e de Jesus, nos capítulos VII, VIII e IX, Francisco escreve sobre a pastoral juvenil e a urgência na transformação de suas metodologias, voltadas à formação vocacional e missionária.

Primeiramente, tendo a pastoral juvenil sofrido com as mudanças sociais, ele aponta alterações no trato da juventude. Dessa maneira, declara que é importante unificar as velhas práticas, que dão bons resultados, às novas metodologias, e aconselha:

- 1) As pastorais juvenis devem tratar os jovens enquanto protagonistas de sua própria história, acompanhados de tutores idôneos (CV, n. 202);
- 2) As pastorais juvenis carecem de flexibilidade. É preciso criar espaços de convivência harmônicos em que possam compartilhar suas vivências, sem intimidações (CV, n. 204);
- 3) As pastorais juvenis devem aliviar a transmissão de doutrinas e normas, e concentrar no estímulo de novas experiências espirituais (CV, n. 212);
- 4) As pastorais juvenis precisam suscitar laços fortes de confiança com as comunidades paroquiais e escolares, nas quais têm o direito à autonomia de entrarem e saírem espontaneamente (CV, n. 218);
- 5) As pastorais juvenis, em parceria com a igreja, precisam desenvolver instituições educativas que formem indivíduos fortes, preparados para sobreviver em um mundo de cultura consumista, através da pesquisa, do conhecimento e da partilha (CV, n. 221 e 223).

Diante disso, a pastoral idealizada acima recebe o nome de Pastoral Juvenil Popular (PJP). Pensada por Francisco, é de natureza não-elitista (CV, n. 231) e congrega todos os tipos de jovens, com suas dúvidas, seus traumas, seus problemas, seus erros, sua história, seus pecados e suas dificuldades (CV, n. 234). Na visão do Papa, a igreja tem a obrigação de amparar espiritualmente qualquer pessoa.

Nos dois últimos capítulos, o Papa versa acerca de uma pastoral que “[...] deve ser sempre uma pastoral missionária.” (CV, n. 240), ou seja, voltada a divulgação do amor de Deus e, do mesmo modo, ao discernimento vocacional. Sobre “A vocação”, ele nos diz que, antes de qualquer coisa, compreende-a como um chamado à vida santa, na descoberta do plano divino para nossas existências. Entretanto, diferentes jovens portam diferentes vocações.



**Esquema 5** – Vocação

**Fonte:** Elaboração própria.

Para Francisco, discernir a própria vocação é encontrar sentido em nossas ações, sob a luz divina, durante um processo de maturação. E, acima de tudo, ser vocacionado é prestar serviço ao outro, em nome de Deus, pois o mundo promete coisas vazias, nos levando à perdição, ao contrário de Jesus, que entrega sentido e salvação (CV, n. 277). Essa servidão acontece em direções distintas: para alguns, manifesta-se no desejo de formar uma família (CV, n. 259), para outros, revela-se na aplicação ou no desenvolvimento de habilidades para o trabalho (CV, n. 268) e, em circunstâncias especiais, no desejo de consagrar-se ao ofício de Deus (CV, 274). Com o acompanhamento de uma pastoral preparada, os jovens conseguirão discernir a sua verdadeira vocação.

Ajudá-los no discernimento requer 3 habilidades ou atenções específicas: (i) atenção à pessoa que se revela nas palavras professadas (CV, n. 292); (ii) habilidade de ouvir e discernir o que é graça divina e/ou tentação mundana que interfere nos sonhos do jovem (CV, n. 293); e (iii) perceber para onde eles realmente querem chegar, deixando-os soltos para percorrerem os seus próprios caminhos, suscitando e acompanhando processos, em vez de impor percursos (CV, n. 297).

Dissemos anteriormente que o plano de texto desempenha uma função textual e discursiva, se configurando enquanto agente “[...] desencadeador de uma rede de relações argumentativas [...]” (FONSECA, 2020, p. 77), através do qual o locutor de um texto infunde os objetivos de seu ato enunciativo. Além do termo plano de texto, trazemos o referente projeto discursivo para representar o que também entendemos ser uma de suas finalidades. Em outras palavras, o plano de texto se mostra enquanto estruturação das partes de um texto, relativo à sua função textual, e de um projeto discursivo, que se expressa na ligação entre os seus segmentos, encadeando o *continuum* argumentativo do texto, inerente à sua função discursiva.

Atestamos que o projeto discursivo do plano de texto da Eaps-CV se materializa no método utilizado por Francisco em seu processo de escrita, o discernimento. De acordo com o *Instrumentum Laboris* (2018b), o método do discernimento se desdobra em três etapas de conhecimento e de proposição de uma intervenção, fundamentada na razão e, essencialmente, na percepção da fé católica. Através desse recurso teológico, inspirado no método ver, julgar e agir de Cardijn, se é possível reconhecer a realidade como ela é, interpretá-la sob a ótica do cristianismo e escolher os melhores procedimentos para uma prática síncrona entre fé e razão.

Tendo aplicado o método do discernimento, constatamos que os 9 capítulos da exortação ora analisada são distribuídos igualmente em cada uma de suas etapas. Para ilustrar essa separação, elaboramos o plano de texto 4.

MÉTODO DODISCERNIMENTO	CAPÍTULOS CORRESPONDENTES A CADA MÓDULO DO MÉTODO DISCERNIMENTO
RECONHECER	Capítulo I – QUE DIZ A PALAVRA DE DEUS SOBRE OS JOVENS?
	Capítulo II – JESUS CRISTO SEMPRE JOVEM
	Capítulo III – VÓS SOIS O AGORA DE DEUS
INTERPRETAR	Capítulo IV – O GRANDE ANÚNCIO PARA TODOS OS JOVENS
	Capítulo V – PERCURSOS DE JUVENTUDE
	Capítulo VI – JOVENS COM RAÍZES
ESCOLHER	Capítulo VII – A PASTORAL DOS JOVENS
	Capítulo VIII – A VOCAÇÃO
	Capítulo IX – O DISCERNIMENTO

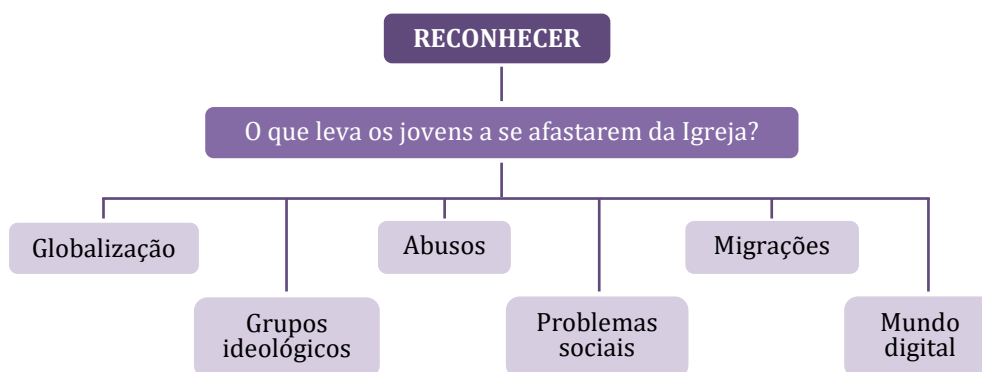
**Quadro 4** – Plano de texto 4 (PdeT-4)

**Fonte:** Elaboração própria.

O projeto discursivo da Eaps-CV se desdobra no discernimento, retomando os propósitos do gênero exortação apostólica redigido por Francisco. Nessa situação, 3 capítulos são destinados para cada fase do método: os três primeiros estão ligados ao reconhecer, seguidos dos capítulos IV, V e VI atinentes ao interpretar e os últimos (VII, VIII e IX) ao escolher.

O sentido que se constrói com essa disposição surge transversalmente ao fluxo argumentativo perpetrado no texto, moldado em torno dessas 3 etapas discursivas. Francisco concebe as suas teses partindo de uma contextualização da temática central da exortação, problematizando as realidades onde estão inseridas as várias juventudes que caracterizam a sociedade atual (reconhecer). Dessas realidades, ele elenca abusos e projetos de desenraizamento, criados por esferas ideológicas, enfrentados pelos jovens que, em razão disso, abandonam os valores histórico-culturais de suas famílias, causando uma ruptura entre gerações. Para se analisar e interpretar os resultados da problematização contextual empreendida, Papa Francisco busca no campo do conhecimento religioso as ferramentas de fé adequadas ao cuidado das juventudes mencionadas (interpretar). Dessa etapa resulta uma avaliação crítica dos contextos juvenis e das pastorais da igreja, identificando os pontos onde devem sofrer intervenções e sugerindo reformas em suas práticas de evangelização (escolher).

A fim de comunicar com mais clareza o processo de discernimento que desenha o projeto discursivo do plano de texto da Eaps-CV, montamos os esquemas 6, 7 e 8 à frente.

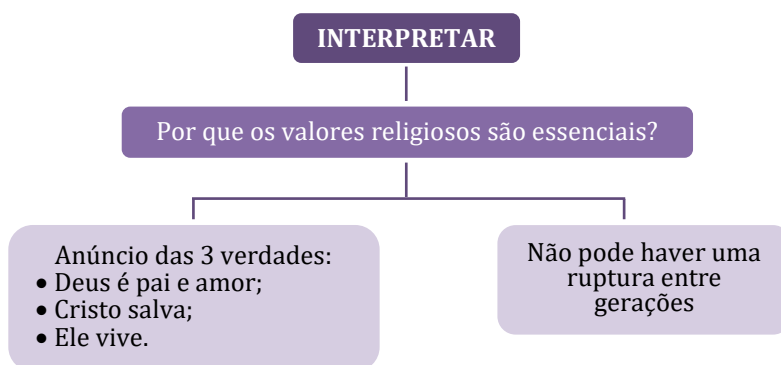


**Esquema 6** – Primeira etapa do discernimento: reconhecer

**Fonte:** Elaboração própria.



Inicialmente, embora não haja uma questão explícita, entendemos que Francisco objetiva elaborar respostas que compreendam os motivos que legitimam a juventude de afastar-se da igreja. Essas causas também constroem um perfil dos jovens atuais, ao compará-los com personagens bíblicas e ao explicitar o contexto social e cultural em que estão envolvidos. Assim, dentre os traços naturais do ser jovem, Francisco versa acerca de sinceridade juvenil, sentimento de insegurança e medo, interesse em inovações e comportamentos audaciosos. Como ambiente sociocultural, o jovem vivencia um estreitamento das relações devido a globalização e as tecnologias digitais; encara um mundo em crise, que pleiteia um domínio ideológico, no qual incorrem diversos tipos de abusos: vícios, prostituição, violência, exclusão social, falta de trabalho e educação de qualidade. Ademais, traz à tona os abusos sexuais perpetrados por sacerdotes da igreja e os movimentos migratórios, fatores de impacto no desenraizamento cultural-religioso.

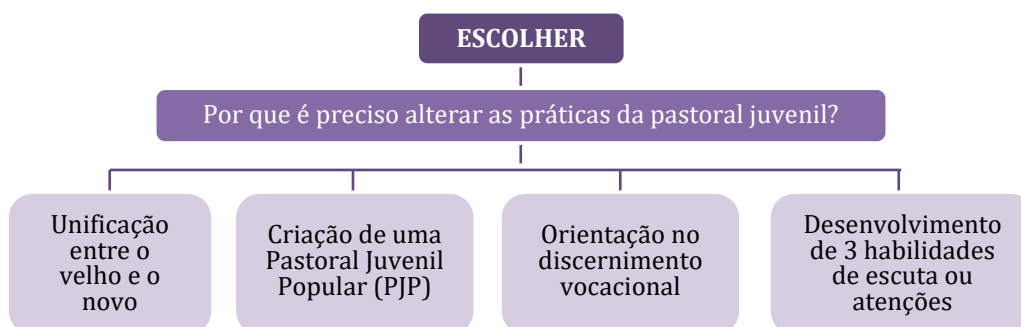


**Esquema 7** – Segunda etapa do discernimento: interpretar

**Fonte:** Elaboração própria.

Na segunda etapa desse método teológico, em concordância com os valores cristãos e atento às verdades bíblicas, Papa Francisco pretende interpretar as realidades descritas anteriormente e assegurar as suas convicções realçando que: i) Deus é Pai e amor; ii) Cristo salva, sem impor condições; e iii) Ele (Cristo) vive, não é apenas uma memória do passado, é sim cheio de vitalidade sobrenatural e quer estar presente na vida de cada pessoa (CV, n. 124). Se emancipar desses ensinamentos é romper com o vínculo intergeracional, o que, na prática, ele compreende como uma perda de preceitos fundamentais para juntas, as gerações do passado e do presente, erguerem uma sociedade renovada.

Levando em consideração as etapas anteriores, firmadas em um estudo contextual das juventudes e, primordialmente, nos princípios que regem a sua fé, ele se detém, nas últimas partes do texto, a apontar novas táticas no que tange à evangelização dos jovens. Dessa maneira, nos capítulos VII, VIII e IX, se é discutido a pastoral juvenil, o direcionamento vocacional dos jovens e a postura apropriada daqueles que participam de seu processo de maturação.



Na última fase do discernimento, avaliamos que o Papa tende a responder à questão: por que é preciso alterar as práticas da pastoral juvenil? As soluções para essa indagação são narradas nas seções dos capítulos antecessores e completadas nos três últimos, quando do aconselhamento em relação ao acompanhamento do jovem na igreja. Por esse motivo, ele sugere criar uma PJP atualizada, isto é, unificar as metodologias que vinham sendo produtivas às atuais, adaptadas ao jovem contemporâneo. Nesse sentido, com a PJP não-elitista (CV, n. 231), se abrirá espaço para todos os tipos de juventudes, pretendo atraí-las ao encontro do Deus aclamado pelos cristãos, tendo como premissa uma relação de escuta e orientação desinteressada. Essa orientação diz respeito ao discernimento vocacional realizado por todo indivíduo, que tem de ser acompanhado por uma pessoa idônea para suscitar processos e auxiliar na compreensão de seus próprios caminhos.

### **Considerações finais**

Pensando no poder intervencionista, ideológico ou pragmático, que um líder religioso executa sobre a sociedade, capaz de influenciar no comportamento cívico e na manifestação cultural de um povo, analisamos a exortação apostólica pós-sinodal *Christus Vivit* sob a dimensão do plano de texto, um dos postulados teórico-metodológicos da ATD, com vistas a descrever e analisar os elementos linguístico-textuais que constituem a estrutura macrotextual da exortação apostólica pós-sinodal *Christus Vivit*, tendo em vista as funções que desempenham na organização do todo textual.

As análises do plano de texto da exortação *Christus Vivit* nos permitiram compreender o que está além dos limites impostos por sua estrutura. Por esse motivo, construímos quatro planos de texto que sintetizam e organizam os elementos que compõem a forma do gênero em questão e o projeto discursivo empreendido por Papa Francisco na produção escrita do texto.

Os dois primeiros planos de texto demonstram como estão dispostos os segmentos que constituem o gênero exortação apostólica e que elementos se encontram inseridos em cada um deles. Assim, o PdeT-1 exhibe um texto estruturado em torno de 5 segmentos, a saber: peritexto inicial <1>, introdução <2>, desenvolvimento <3>, conclusão <4> e peritexto final <5>. Os segmentos <1> e <5> são os peritextos externos, formados pelo brasão do Vaticano, cabeçalho, sumário, datação, assinatura e notas, e os segmentos <2>, <3> e <4> são os blocos textuais pelos quais o assunto é explanado, também envolvidos em peritextos internos, que são os capítulos numerados, os subtópicos temáticos e os números paragrafícos.

O PdeT-2 reúne a integridade organizacional da Eaps-CV. Assim, em <1> temos as informações referentes ao tipo de documento, o tema que será abordado, o remetente e os destinatários; em <2>, introduz-se o assunto e apresenta-se os destinatários da carta apostólica; em <3>, dispomos dos 9 capítulos da exortação e de seus respectivos subtópicos; em <4>, Francisco exprime um desejo (a conclusão), e em <5>, esclarece o local, a data, a assinatura do remetente e as notas.

Já o PdeT-3 sintetiza o conteúdo referencial dos 9 capítulos da exortação. Nesse plano de texto, procuramos resumir as principais teses defendidas por Francisco, na tentativa de condensar todo o conteúdo discursivo de um texto com 74 páginas em um quadro que cobre somente duas.

Finalmente, no PdeT-4, argumentamos que o projeto discursivo, que cumpre com os objetivos planejados por Francisco na criação desse documento, se concretiza no método do discernimento, pelo qual ele age firmado em 3 ações: reconhece os traços peculiares de uma sociedade, interpreta-os aos olhos da fé, e opera uma tática de verificação, avaliação e possível intervenção. Para tanto, ele escreve 3 capítulos à formação das etapas do discernimento: os três primeiros (I, II e III) estão ligados ao reconhecimento da realidade (reconhecer), seguidos dos capítulos IV, V e VI, atinentes à sua interpretação (interpretar), e os últimos (VII, VIII e IX), relativos à escolha do que fazer e como desse ver feita essa ação (escolher). Na união de três capítulos à cada etapa, pensamos que ele formula respostas para os questionamentos: o que leva os jovens a se afastarem da igreja? (reconhecer); por que os valores religiosos são essenciais? (interpretar); por que é preciso alterar as práticas da pastoral juvenil? (escolher).

A reconstituição macrotextual, a partir da aplicação da noção de plano de texto da ATD, nos possibilitou demonstrar o modelo estrutural em que se inscreve a redação do texto analisado e a organização discursiva que executa a intencionalidade do enunciador. Na exortação *Christus Vivit*, o projeto discursivo do Papa Francisco, que aflui por intermédio do método discernimento, concebe o sentido global da Eaps-CV.

Com esta pesquisa, pudemos empreender um aprofundamento teórico-metodológico e analítico acerca da noção de plano de texto conforme Adam (2011), que, porventura, servirá para outros pesquisadores interessados nesse tipo de estudo. Acreditamos que as análises e a abordagem do plano texto enquanto projeto discursivo contribuirão tanto para os estudos sobre o discurso religioso, realizados pela ótica da ATD, quanto para um entendimento mais claro das singularidades inerentes aos textos publicados pela igreja católica apostólica romana, especialmente no que se refere ao gênero exortação apostólica pós-sinodal, posto que as tipicidades de seu plano de texto são pouco conhecidas.

Ressaltamos o que dissemos anteriormente, o plano de texto não é meramente as partes estruturantes de um todo, mas o todo organizado em um *continuum* argumentativo em função das intenções de quem o produz. Sendo assim, conhecer a estrutura e o projeto discursivo de um texto, nesse caso, pertencente ao campo do discurso religioso, é imprescindível para a interpretação global dos sentidos que carrega, tarefa importante para defesa de uma posição emancipada e crítica quanto às práticas discursivas realizadas pela igreja que, de uma forma ou de outra, interferem nas práticas sociais.

---

## Referências

---

ADAM, J-M. *A Linguística Textual: introdução à análise textual dos discursos*. Tradução: Maria das Graças Soares Rodrigues et al. São Paulo: Cortez, 2011.

ADAM, J-M. O que é linguística textual? In: SOUZA, E. R. F.; PENHABEL, E.; CINTRA, M. R. (org.). *Linguística textual: interfaces e delimitações*. Homenagem a Ingedore Grunfeld Villaça Koch. São Paulo: Cortez, 2017.

ADAM, J-M. *A noção de texto*. Tradução: Maria das Graças Soares Rodrigues, João Gomes da Silva Neto e Luis Passeggi. Natal, RN: EDUFRN, 2022.

AQUINO JUNIOR, F. de. Teologia da libertação latino-americana. In: AQUINO JÚNIOR, F. de. *A teologia como inteligência do reinado de Deus: o método da teologia da libertação segundo Ignacio Ellacuria*. São Paulo: Edições Loyola, 2010. p. 27-42.

ARAÚJO, P. S. R. de. *Análise dialógica de réplicas no gênero comentário on-line: a compreensão responsiva ativa sobre o segundo casamento cristão-católico*. 2017. 162 f. Tese (Programa de Pós-Graduação em Linguística da Universidade Federal da Paraíba) – Universidade Federal da Paraíba, João Pessoa, 2017.

CALADO, C.; FERREIRA, C. *Análise de documentos: método de recolha e análise de dados*. Lisboa: Instituto de Educação da Universidade de Lisboa, 2005.

CASTELHANO, J. N. F. M. *O método de Cardijn: ver, julgar e agir. A sua vivência e aplicação na acção católica rural*. 2017. 71 f. Dissertação (Mestrado integrado em Teologia) – Faculdade de Teologia, Universidade Católica Portuguesa, Porto, 2017.

CRESWELL, J. W. *Projeto de pesquisa: método qualitativo, quantitativo e misto*. Tradução: Luciana de Oliveira Rocha. 2. ed. Porto Alegre: Artmed, 2007.

FONSECA, F. G. C. *Argumentação e aspectos retóricos de representações discursivas na denúncia contra Renan Calheiros, Aníbal Gomes e Paulo Twiaschor: o caso Serveng*. 2020. 2020 f. Tese (Doutorado em Estudos da Linguagem) – Programa de Pós-graduação em Estudos da Linguagem, Universidade Federal do Rio Grande do Norte, Natal, 2020.

FRANCISO. *Exortação apostólica pós-sinodal Christus Vivit: para os jovens e para todo o povo de Deus*. Tradução: Conferência Nacional dos Bispos do Brasil (CNBB). São Paulo: PAULUS, 2019.

GIL, A. C. *Como elaborar projetos de pesquisa*. 5. ed. São Paulo: Altas, 2002.

MAINGUENEAU, D. Analisando discursos constituintes. Tradução: Nelson Barros da Costa. *Revista GELNE*, Natal, v. 2, n. 2, p. 1-12, 2000.

MELO, M. S. S. Considerações sobre o domínio de prática discursiva religioso. In: MELO, M. S. S. (org.). *Reflexões sobre o discurso religioso*. Belo Horizonte: Núcleo de Análise do Discurso, Programa de Pós-Graduação em Estudos Linguísticos, Faculdade de Letras da UFMG, 2017. p. 131-148.

MINAYO, M. C. S. (org.). *Pesquisa social: teoria, método e criatividade*. 18. ed. Petrópolis: Vozes, 2013.

QUEIROZ, M. E. *Representações discursivas no discurso político. “Não me fiz sigla e legenda por acaso”*: o discurso de renúncia do senador Antônio Carlos Magalhães. 2013. 188 f. Tese (Doutorado em Estudos da Linguagem) – Programa de Pós-Graduação em Estudos da Linguagem, Centro de Ciências Humanas, Letras e Artes, Universidade Federal do Rio Grande do Norte, Natal, 2013.

SÍNODO DOS BISPOS. *Instrumentum Laboris*. XV assembleia geral ordinária: os jovens, a fé e o discernimento vocacional. Cidade do Vaticano, 2018.

VIAN, G. M. *Introdução*. In: GRIMALDI, C. M. Eu era Bergoglio, agora sou Francisco. Tradução: João Batista Kreuch. Petrópolis: Vozes, 2018. p. 7-9.

---

### Para citar este artigo

---

PEREIRA, José Rubens; QUEIROZ, Maria Eliete de. A composição macrotextual da exortação apostólica pós-sinodal *Christus Vivit*: análise do plano de texto. *Miguilim – Revista Eletrônica do Netlli*, Crato, v. 11, n. 2, p. 542-570, maio-ago. 2022.

---

### Os Autores

---

**José Rubens Pereira** é mestrando pelo Programa de Pós-Graduação em Estudos da Linguagem (PPgEL), da Universidade Federal do Rio Grande do Norte (UFRN), na linha de concentração Linguística Teórica e Descritiva (LTD).

**Maria Eliete de Queiroz** é docente Adjunto IV da Universidade do Estado do Rio Grande do Norte (UERN), *Campus Avançado de Pau dos Ferros (CAPF)*. Doutora em Estudos da Linguagem pelo Programa de Pós-graduação em Estudos da Linguagem (PPgEL), da Universidade Federal do Rio Grande do Norte (UFRN).